

# UM ESTUDO SOBRE O GÊNERO ORAL ENTREVISTA EM TELEJORNALIS

## A STUDY ABOUT THE ORAL GENRE INTERVIEW IN TV NEWS

Maria Aparecida Resende OTTONI\*

---

**RESUMO:** Como fruto do trabalho desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (PETEDI), centrado na definição e caracterização de gêneros orais, este artigo é voltado para um gênero oral da esfera jornalística: a entrevista. O objetivo principal é caracterizar, analisar e comparar entrevistas exibidas em telejornais brasileiros, realizadas em estúdio (EEE) e fora dele (EFE) e investigar se são espécies de um mesmo gênero ou não. Para isso, foram analisadas, com base na proposta de Fairclough (2003) para análise de gêneros, no campo da Análise de Discurso Crítica (ADC), e na de Travaglia (2007a, 2007b) de caracterização de categorias de texto, no campo da Linguística Textual, entrevistas veiculadas em dois telejornais diferentes - um local e um nacional -, ambos da mesma emissora. Os resultados revelam as semelhanças e diferenças entre as EFE e as EEE e apontam para a compreensão das duas como espécies de um mesmo gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero oral. Entrevista. Telejornal.

---

**ABSTRACT:** As a result of the work developed within the Group of Research on Text and Discourse, focused on the definition and characterization of oral genres, this article is aimed at an oral genre of the journalistic sphere: the interview. The main objective is to characterize, analyze and compare interviews shown in Brazilian television news, conducted in the studio and out of the studio and investigate whether they are species of the same genre or not. For this, we analyzed, based on the proposal of Fairclough (2003) for analysis of genres, in the field of Critical Discourse Analysis (ADC), and Travaglia (2007a, 2007b) for characterization of text categories in the field of Textual Linguistics, interviews broadcast in two different news programs - one local and one national - both from the same network. The results reveal the similarities and differences between the interviews and point to the understanding of the two as species of the same genre.

**KEYWORDS:** Oral genre. Interview. Television News.

---

### 1. Introdução

Como membro do Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (PETEDI)<sup>1</sup>, no qual se tem buscado definir e caracterizar diferentes gêneros orais, selecionei para caracterização um gênero vinculado à esfera discursiva jornalística: a entrevista exibida em telejornais.

Tendo em vista a definição de gênero oral estabelecida por esse grupo, apresentada no primeiro artigo deste número, considero a entrevista como um gênero oral porque “tem como

---

\* Professora associada do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília.

<sup>1</sup> Este trabalho está vinculado também ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador)” e é produzida “para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita” (TRAVAGLIA et al, 2013, p.4).

O objetivo geral, neste artigo, é caracterizar, analisar e comparar entrevistas exibidas em telejornais brasileiros, realizadas em estúdio e fora dele e investigar se são espécies de um mesmo gênero ou não. Em geral, as produzidas fora do estúdio compõem uma reportagem e são realizadas sem agendamento prévio com os entrevistados. Desse modo, a abordagem, em sua maioria, é feita de forma inesperada a pessoas que não tiveram uma preparação para respondê-las. Assim, considerando a perspectiva da maioria dos entrevistados, é possível dizer que são espontâneas. As entrevistas realizadas em estúdio são, muitas vezes, produzidas ao vivo e não entram na composição de uma reportagem, como as do primeiro tipo. Nesse caso, o entrevistado é convidado e previamente informado acerca da temática da entrevista. Dessa forma, ele tem tempo para se preparar. E, considerando essa perspectiva, essas entrevistas podem ser classificadas como planejadas.

É importante esclarecer que alguns autores, como Charadeau (2006), Santos e Aires (2008) e Souza (2015) consideram o telejornal como um gênero e outros, como Bonini (2011), consideram-no como um hipergênero. Para Charadeau (2006, p. 227), o telejornal “é o gênero que integra o maior número de formas televisuais como: anúncios, reportagens, resultados de pesquisas e de investigações, entrevistas, mini-debates (sic), análises de especialistas, etc.”. Para Bonini (2011, p. 691-2, 697),

os gêneros, por vezes, são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado) que estou chamando de hipergênero. O jornal, nesse sentido, é um hipergênero, uma vez que ele responde às características propostas por Bakhtin (1953) para caracterizar o enunciado. [...] Em um canal como a Rede Globo [...], circulam, em sua maioria, hipergêneros compostos por outros gêneros. Um telejornal, por exemplo o Jornal Nacional, é formado por vinhetas de abertura e de encerramento e por gêneros como a notícia, a reportagem, a entrevista, etc.

É possível perceber que Charadeau (2006) e Bonini (2011) estão caracterizando um mesmo objeto, levando em conta as produções jornalísticas que integram esse objeto que classificam de modo diferente: o telejornal. Para o primeiro, é um gênero e, para o segundo, um hipergênero. Entendo que, para apresentar um posicionamento fundamentado, deveria

desenvolver um estudo sistemático dos telejornais, o que não é possível neste momento. Todavia, para os propósitos deste artigo e considerando o fato de que o telejornal é constituído por diferentes gêneros, adoto a posição defendida por Bonini (2011), segundo a qual o telejornal é um hipergênero. Nessa perspectiva, o telejornal é um hipergênero constituído de vários gêneros, dentre eles a entrevista.

Para atingir os objetivos, procuro estabelecer um diálogo entre a proposta de Fairclough (2003) para análise de gêneros, no campo da Análise de Discurso Crítica (ADC) – perspectiva teórica com a qual trabalho há alguns anos – e a proposta de Travaglia (2007a, 2007b) de caracterização de categorias de texto, no campo da Linguística Textual, a qual tem sido adotado o PETEDI. Acredito que esse diálogo pode ser produtivo para a análise de gêneros, conforme proposta desse grupo de pesquisa.

Neste estudo de cunho descritivo-analítico-interpretativista, adoto uma abordagem predominantemente qualitativa (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) em conjugação com a apresentação de dados quantitativos. Foram selecionadas entrevistas realizadas em dois telejornais diferentes: um local, o qual tem 45 minutos de duração, e um nacional, com duração de 50 minutos; ambos da mesma emissora<sup>2</sup>.

Para a constituição do *corpus*, inicialmente eu e Ludmila Bortolozo assistimos<sup>3</sup> a vários telejornais para identificar em quais eram exibidas entrevistas produzidas em estúdio e se havia um dia da semana em específico em que eram apresentadas. Nos telejornais há muitas entrevistas realizadas fora dos estúdios, como parte do gênero reportagem, as quais em sua maioria são entrevistas espontâneas e só em alguns telejornais e em determinados dias são realizadas as entrevistas em estúdio, as planejadas. Após identificar os telejornais e os dias da semana em que eram realizadas as entrevistas em estúdio especificamente, as gravações foram iniciadas por meio de programa especial de gravação por computador. Concomitantemente, foi feita uma pesquisa na internet a fim de encontrar as entrevistas já gravadas e disponíveis ao público. Do material coletado, foram selecionadas oito entrevistas realizadas em dois telejornais diferentes, de modo que o *corpus* foi assim constituído: quatro entrevistas

---

<sup>2</sup>Por questões éticas, não serão mencionados os nomes dos telejornais, da emissora, dos entrevistadores nem dos entrevistados. Pelo mesmo motivo, nas fotos das entrevistas, os rostos dos participantes foram encobertos.

<sup>3</sup> Nesse estágio da investigação, contei com a colaboração de Ludmila Maria Bortolozo, conforme mencionado em nota anterior. Ela coletou algumas entrevistas produzidas em estúdio e fora dele, transcreveu-as e fez comigo algumas análises iniciais. .

produzidas fora de estúdio, sendo duas de cada telejornal; quatro entrevistas produzidas em estúdio, sendo duas de cada telejornal.

Na análise, elas são assim identificadas: EFE1L, EFE2L, EFE3N, EFE4N, EEE1L, EEE2L, EEE3N e EEE4N, sendo que EFE corresponde à entrevista produzida fora de estúdio; EEE, à entrevista produzida em estúdio; L à local e N, à nacional.

Após a seleção, foi feita a transcrição das entrevistas segundo as normas estabelecidas pelos membros do PETEDI, as quais se encontram no artigo intitulado “Convenções do Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (PETEDI) para transcrição de material oral”.

Cabe destacar que este trabalho é fruto de duas pesquisas, uma desenvolvida em 2009, intitulada “O gênero oral entrevista em estúdio na perspectiva da Análise de Discurso Crítica e da Linguística Sistêmico-Funcional”<sup>4</sup>, de autoria de Maria Aparecida Resende Ottoni, e outra desenvolvida em 2012 e 2013 por Ludmila Maria Bortolozo, sob a orientação de Maria Aparecida Resende Ottoni, cujo título é “Entrevistas espontâneas fora do estúdio e entrevistas planejadas em estúdio: um estudo sobre gêneros orais em telejornais”.

Tendo em vista as escolhas teóricas e metodológicas, este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira e na segunda, discorro, respectivamente, sobre a análise de gêneros na perspectiva da ADC, seguindo Fairclough (2003), e sobre a caracterização de categorias de texto, proposta por Travaglia (2007a, 2007b) na perspectiva da Linguística Textual. Na terceira seção, apresento a análise das entrevistas produzidas fora de estúdio e a análise das produzidas em estúdio e, na quarta, as diferenças e semelhanças entre essas entrevistas.

## **2.A abordagem de gêneros segundo a Análise de Discurso Crítica (ADC)**

A ADC é uma perspectiva teórica e metodológica para uma análise do discurso linguística, textual e socialmente orientada. Seu maior expoente é o linguista britânico Norman Fairclough. Segundo Ottoni (2007, p. 22) a ADC,

volta-se para a análise das relações dialéticas entre o discurso (incluindo a linguagem verbal e as outras formas de semiose) e outros elementos das

---

<sup>4</sup> Em 2009, publiquei um artigo com resultados iniciais desta pesquisa nos anais do XII Simpósio Nacional e II Simpósio Internacional de Letras e Linguística, realizado na Universidade Federal de Uberlândia.

práticas sociais<sup>5</sup>. A sua preocupação é com as mudanças radicais que estão ocorrendo na vida social contemporânea, com o modo como o discurso figura dentro dos processos de mudança, e com as transformações na relação entre o discurso/semiose e outros elementos sociais dentro das redes de práticas.

Nessa perspectiva, então, o discurso é um dos elementos das práticas sociais. Chouliaraki e Fairclough (1999) elencam estes outros elementos, com os quais o discurso/semiose<sup>6</sup> estabelece uma relação de articulação: atividade material, relações sociais, poder, instituições, fenômenos mentais (crenças, valores, desejos).

Neste artigo, focalizo a abordagem de ADC proposta por Fairclough (2003). Em sua obra, ele propõe a abordagem dos três modos como o discurso figura nas práticas sociais: ação, representação e identificação. Ele associa esses modos a três significados e a gênero, a discurso e a estilo - três elementos da ordem do discurso -, o que resulta no significado acional, relacionado a gêneros, compreendidos como modos de agir; o significado representacional, vinculado a discursos, concebidos como modos de representar; e o significado identificacional, associado a estilos, entendidos como modos de ser.

Tendo em vista o enfoque deste estudo, centro-me no significado acional. Conforme exposto, esse significado está articulado ao conceito de gêneros como “o aspecto especificamente discursivo de modos de agir e interagir no curso de eventos sociais”<sup>7</sup> (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65). Na abordagem desse significado, Fairclough defende a análise de um texto ou interação em termos de gênero leva em conta como ele participa na ação e interação sociais e como contribui com essa ação e interação.

Para Fairclough (2003, p. 68), “uma das dificuldades com o conceito de gênero é que os gêneros podem ser definidos em diferentes níveis de abstração<sup>8</sup>”. Nesse sentido, ele questiona: como é possível chamar de gênero uma narração, uma descrição, uma notícia, um

---

<sup>5</sup>As práticas sociais são definidas como “modos habituais de ação social, ligados a um espaço e tempo particulares, nos quais as pessoas aplicam recursos (material e simbólico) para agir juntas no mundo” (CHOUILIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21).

<sup>6</sup>O termo 'semiose' se refere a signos, que incluem palavras e imagens (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996; CHOUILIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

<sup>7</sup>Tradução minha de “Genres are the specifically discursual aspect of ways of acting and interacting in the course of social events” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65).

<sup>8</sup>Tradução minha de “One of the difficulties with the concept of genre is that genres can be defined on different levels of abstraction” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 68).

relato, uma entrevista, se estão em um nível de abstração diferente? Ao discutir sobre isso, Fairclough (2003, p. 68) explica que “Se dizemos que um gênero é ligado a uma prática social particular ou a uma rede de práticas sociais, então nós devemos chamar a narração, a descrição etc. como algo diferente de gênero. Swales (1990) sugere o termo pré-gênero, que eu usarei.”<sup>9</sup>. Assim, o autor denomina a narração, a descrição, a dissertação, a argumentação, por exemplo, como pré-gêneros<sup>10</sup>.

Seguindo Swales (1990), Fairclough (2003) define os pré-gêneros como categorias com nível alto de abstração, que transcendem redes de práticas sociais e entram na composição de vários gêneros situados. Assim, a narração pode entrar na composição de vários gêneros, associados a diferentes práticas sociais e a diferentes esferas sociais. Em uma reportagem, por exemplo, pode-se encontrar a narração, assim como em um conto, em uma crônica, em um romance, em uma carta pessoal, o que significa que ela não está associada a uma prática social específica. Todavia, Fairclough (2003) argumenta que isso não resolve totalmente o problema relacionado às dificuldades com o conceito de gênero associado aos níveis de abstração. Isso porque, conforme ele explica, “há outras categorias como a entrevista e o relatório que são menos abstratas que a narrativa ou a argumentação, e que claramente transcendem redes particulares de práticas<sup>11</sup>” (FAIRCLOUGH, 2003, p.68). Para o autor, é preciso levar em conta que, quando nos referimos à entrevista simplesmente, não situamos o gênero em uma prática social específica como quando falamos em entrevista de emprego, entrevista etnográfica, entrevista com celebridade em um programa de auditório, entrevista em um telejornal. Desse modo, o autor entende que, quando falamos em entrevista simplesmente, estamos falando em um gênero desencaixado, pois ele não está encaixado em uma prática social específica, como a jornalística, a de entretenimento etc. E, quando falamos em relatório de pesquisa, relatório médico, relatório de aula, estamos tratando de gêneros situados em práticas sociais específicas.

---

<sup>9</sup>Tradução minha de “If we say that a genre is tied to a particular social practice or network of social practices, then we should call Narrative, etc. something different. Swales (1990) suggest the term ‘pre-genre’, which I shall use” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 68).

<sup>10</sup>Tal categoria, como se pode ver nos artigos deste número e na próxima seção deste artigo, é denominada por Travaglia (2007a, 2007b, 2009) como tipos textuais.

<sup>11</sup>Tradução minha de “there are other categories such as Interview or Report which are less abstract than Narrative or Argument, yet clearly do transcend particular networks of practices.” (FAIRCLOUGH, 2003, p.68).

Em resumo, Fairclough (2003) elabora a terminologia com o intuito de evitar confusão entre diferentes **níveis de abstração**<sup>12</sup>. Ele usa **pré-gênero** para categorias mais abstratas, como a narração, a descrição, a argumentação; **gênero desencaixado** para categorias menos abstratas que os pré-gêneros e que não estão situadas em uma prática social específica, como entrevista, relatório; e **gênero situado** para categorias que ele considera concretas, que são específicas a uma prática social particular, como a entrevista etnográfica, o relatório médico, o atestado médico.

A análise de gêneros, para o autor, envolve: “(a) a análise da ‘cadeia de gêneros’; (b) a análise da mistura de gêneros em um texto particular; (c) a análise de gêneros individuais em um texto particular<sup>13</sup>” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 66). O autor explica que “Há vários aspectos da organização do texto e várias características dos textos em diferentes níveis que são moldados principalmente pelo gênero e dependentes dele<sup>14</sup>” (p. 67), tais como: a estrutura genérica do texto; as relações semânticas (lógicas, temporais etc) entre orações e frases, e trechos maiores do texto; as relações formais entre frases e orações, incluindo as gramaticais; os tipos de troca, a função de fala e o modo, em nível da oração; a intertextualidade. Mais adiante, tratarei de cada um desses elementos.

Para Fairclough (2003), a mediação dos textos pelos meios de comunicação de massa é, em muitos casos, um processo complexo que envolve o que ele chama de ‘cadeias’ ou ‘redes’ de textos. O linguista considera que as **cadeias de gênero** têm uma importância significativa, uma vez que representam gêneros diferentes que são conectados. Nesse sentido, olhar para essas cadeias é relevante para a análise de um gênero.

No estudo desenvolvido por Ferrari (2015), sob a minha orientação, no qual analisa a propaganda<sup>15</sup> institucional Retratos da Real Beleza, a pesquisadora destacou que a

---

<sup>12</sup> Estou usando o negrito para destacar as categorias de análise.

<sup>13</sup> Tradução minha de “(a) analysis of ‘genre chains’; (b) analysis of genre mixtures in a particular text; (c) analysis of individual genres in a particular text.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 66)

<sup>14</sup> Tradução minha de “There are various aspects of text organization and various features of texts at different levels which are primarily shaped by and dependent upon genre.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 67)

<sup>15</sup> Ferrari (2015) mostra que não existe consenso acerca das designações propaganda e publicidade, cita autores que consideram os termos sinônimos, como Rabaça e Barbosa (2001), e que não os consideram assim, como é o caso de Erbolato (1986). Ela defende que “podemos entender a publicidade como a divulgação e produção de anúncios nos quais os objetivos da mensagem sejam a ação do interlocutor como, por exemplo, a compra do produto. A propaganda, por sua vez, é compreendida como um conceito mais amplo, pois se relaciona a ideologias e crenças; a finalidade é o convencimento do interlocutor para a mudança de comportamentos diante de uma ideia”. (FERRARI, 2015, p. 18). Em seu trabalho, Ferrari adota a concepção de Erbolato (1986) porque



propaganda faz parte de uma cadeia de gêneros que engloba: o artigo no qual a empresa Dove relata o estudo feito por ela, *The TruthAboutBeauty*(ETCOFF et al, 2004); inúmeras peças publicitárias, como o vídeo *Evolution*, criado pela DOVE; notícias sobre a premiação recebida pela propaganda; entrevistas sobre o tema; outra propaganda feita pela marca, Retratos da Real Beleza Dia das Mães; uma paródia, a qual também originou vários comentários nas redes sociais. A identificação da cadeia a qual a propaganda faz parte foi importante porque nos possibilitou compreender o efeito social que o discurso teve com o desenvolvimento de novas práticas discursivas. As cadeias de gênero contribuem para a possibilidade de ações que transcendem as diferenças no tempo e espaço, conectando eventos sociais em diferentes práticas sociais.

Quanto à **mistura de gêneros**, Fairclough chama a atenção para o fato de que a relação entre textos e gêneros pode ser bem complexa. Isso porque um texto pode materializar não apenas um gênero, pois pode misturar mais de um, o que gera dúvidas, muitas vezes, por parte dos analistas.

Para Fairclough (2003), além de levar em conta o nível de abstração, a análise da cadeia de gêneros e da mistura de gêneros em um texto, é importante analisar a atividade, as relações sociais e as tecnologias de comunicação, pois, para ele, os gêneros individuais são diferenciados em termos desses três elementos. Por meio de traços semânticos, gramaticais, lexicais e da multisssemiose<sup>16</sup> nos textos, essa análise investiga a natureza interdiscursiva dos gêneros.

O termo **atividade**<sup>17</sup> refere-se ao “que as pessoas estão fazendo discursivamente” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 70). Na análise da atividade, de acordo com Fairclough (2003, p. 21-22 e p. 70), o foco não é nos aspectos não discursivos, mas, sim, no discurso e não nos

---

entende “que o *corpus* selecionado, propaganda Retratos da Real Beleza, tem a intenção de convencer o consumidor à transformação de pensamento em relação ao conceito de beleza, o que ocorre sem a divulgação direta de produtos da marca Dove” (FERRARI, 2015, p. 18).

<sup>16</sup> Estou considerando multisssemiose e multimodalidade como sinônimos, partindo de Rojo (2015), para quem “Texto multimodal ou multisssemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais”. (ROJO, 2015, p. 108).

<sup>17</sup> O conceito de atividade, proposto pelos membros do PETEDI, exposto no primeiro artigo deste número e no artigo de Travaglia et al (2013, p. 4), “a atividade social é o que alguém está fazendo, para atingir determinado objetivo” aproxima-se do conceito apresentado por Fairclough (2003).



aspectos não discursivos. O autor explana que a atividade social pode ser fundamentalmente discursiva, como em uma conferência, ou não, como no caso de um jogo de futebol ou de alguém consertando alguma peça de um veículo, em que o discurso possui um papel complementar ou secundário. No primeiro caso, temos o que o conferencista ou palestrante escreveu para ser dito, o que ele diz, as anotações feitas pelo auditório, o que é exibido por meio de recursos audiovisuais, os comentários que o auditório faz etc. E “não se tem apenas linguagem verbal; há uma *performance* corporal, bem como uma *performance* linguística”<sup>18</sup>. Há, ainda, em uma palestra ou conferência, atividades não discursivas, como a operação do *datashow* pelo palestrante ou conferencista. No segundo caso, de um jogo de futebol, “seria difícil argumentar que há uma atividade especificamente discursiva distinta da atividade geral. Se o discurso é principal ou auxiliar é uma questão de grau”<sup>19</sup> (FAIRCLOUGH, 2003, p. 70).

Ao se fazer a análise da atividade, deve-se contemplar também os **propósitos do gênero** ou, nos termos de Travaglia (2007a), os **objetivos/funções sociocomunicativas**. Tanto Fairclough (2003, p. 71) quanto Travaglia (2007a, p. 104) asseveram que nem sempre é fácil explicitar esses propósitos ou objetivos/funções. Por exemplo, no caso do gênero romance, não é simples explicitar seu propósito. Da mesma forma, os dois autores argumentam que um mesmo gênero pode ter mais de um propósito ou objetivo e desempenhar mais de uma função sociocomunicativa, como a charge que, em geral, tem como propósito fazer uma crítica a um fato polêmico em evidência na atualidade e gerar o riso ou como a propaganda da Dove, Retratos da Real Beleza, que objetiva vender uma ideia de que a mulher é mais bonita do que ela acredita ser e vender os produtos da marca.

Fairclough chama a atenção também para a necessidade de se observar se o que se tem é uma **ação comunicativa** ou uma **ação estratégica** (HABERMAS, 1984) ou, ainda, uma ação estratégica com a aparência de uma ação comunicativa. Conforme explica Ottoni (2007, p. 37),

De acordo com a abordagem habermasiana, quando a ação é estratégica, as pessoas agem (e agem sobre as outras pessoas) de modos que são orientados

---

<sup>18</sup>Tradução minha de: “is not just language - it is a bodily performance as well as a linguistic performance, and it is likely to involve physical action such as the lecturer operating an overhead projector.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 21-22).

<sup>19</sup>Tradução minha de: “In the case of a game of football, it would be difficult to argue that there is a specifically discursive activity distinct from the overall activity. Whether discourse is primary or ancillary is a matter of degree” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 70)

para atingir resultados, maior eficiência, efetividade etc. Já a ação comunicativa é orientada para obter o entendimento.

Para exemplificar, cito novamente a propaganda institucional Retratos da Real Beleza que aparentemente é uma ação comunicativa, uma vez que é orientada para a exposição dos resultados de um estudo realizado com várias mulheres. Contudo, a análise da produção evidencia uma ação estratégica, orientada para a venda dos produtos da marca Dove e para a elevação da autoestima feminina (FERRARI, 2015).

Fairclough(2003) acredita que algumas atividades são mais estratégicas que outras e que tem havido um crescimento nas interações predominantemente estratégicas, ou seja, orientadas para produzir resultados eficientes. Ele propõe que se ‘operacionalize’ a perspectiva habermasiana nas análises textuais. Nesse sentido, focaliza a ação estratégica da seguinte maneira: “a ação estratégica nos textos inclui dar a uma troca de atividade a aparência de uma (mera) troca de conhecimento” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 106). Isso pode ser observado em termos dos tipos de troca e das funções do discurso nas orações, sobre o que falarei mais adiante.

Ainda relacionado à atividade, Fairclough(2003) vincula a análise da **estrutura genérica**<sup>20</sup>. Para ele, “Quanto mais ritualizada uma atividade for, mais relevante será fazer a análise da estrutura do gênero<sup>21</sup>” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 72).

Quanto às **relações sociais**, a análise contempla as relações existentes entre os indivíduos que estão interagindo. Essas relações acontecem entre agentes sociais, que podem ser de diferentes tipos: organizações, grupos ou indivíduos. Brown e Gilman (1960 apud FAIRCLOUGH, 2003, p. 75) sugerem que as relações sociais variam em duas dimensões: poder e solidariedade ou hierarquia social e distância social. Fairclough(2003) alerta para o fato de que muitos gêneros que circulam na contemporaneidade simulam relações sociais que mistificam a hierarquia e a distância social. Eles criam a ilusão de que a relação entre patrões e “colaboradores”, por exemplo, é simétrica, posto que todos colaboram para o crescimento da empresa e usufruem igualmente dos benefícios desse crescimento. Na análise dessas relações, é importante considerar a natureza dos participantes, seus *status* e papéis; como se

---

<sup>20</sup>Travaglia(2007) designa como superestrutura.

<sup>21</sup>Tradução minha de “The more ritualized an activity is, the more relevant such an analysis is”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 72)

relacionam entre si; tipos de troca (ver mais adiante), como agem uns sobre os outros e sobre si mesmos.

Em relação às **tecnologias de comunicação**, observa-se de qual tecnologia depende a atividade que as pessoas estão desenvolvendo, qual tipo de comunicação se tem. Observa-se, por exemplo, se a comunicação é dialógica não-mediada, como na conversação face-a-face; se é dialógica mediada, como no telefonema, e-mail, web conferência, *chat*; se é monológica não mediada, como na palestra ou conferência etc.; se é monológica mediada, como em uma vídeo-aula, uma carta do leitor impressa, um pronunciamento da presidenta exibido na televisão. Observa-se ainda qual a tecnologia envolvida e como o tipo de comunicação e tecnologias posicionam o produtor e o leitor/ouvinte/telespectador.

A meu ver, a análise das relações sociais e das tecnologias da comunicação pode ser relacionada, em parte, ao que Travaglia (2007a) propõe no tocante à análise das **condições de produção**, uma vez que englobam quem produz, para quem, como, quando, em que contexto (veja o que ele fala sobre essas condições na próxima seção).

Como já mencionado, além desses aspectos, Fairclough(2003) salienta a importância de se analisar as **relações semânticas** estabelecidas porque “o tipo de relações semânticas entre frases e orações que se encontra em um texto depende do gênero”<sup>22</sup> (FAIRCLOUGH, 2003, p. 87). O autor cita algumas das principais relações: causal, condicional, temporal, aditiva, contrastiva, concessiva<sup>23</sup>. No tocante às relações **formais**<sup>24</sup>, chama a atenção para a observação das relações estabelecidas entre as orações – paratáticas, hipotáticas ou encaixe – que predominam em determinado gênero e de como elas contribuem para a construção de sentidos.

Sobre os **tipos de troca, função de fala e modo**, Fairclough (2003) apoia-se em Halliday (1994) principalmente, para tecer suas considerações. Segundo Halliday (1994, p. 69), de tudo que nós fazemos com a linguagem, há quatro distinções-chave que explicam a comunicação interpessoal; ou seja, há quatro tipos de troca: dar bens e serviços, dar

---

<sup>22</sup>Tradução minha de “the type of semantic relations between sentences and clauses that one finds in a text depends on genre”.(FAIRCLOUGH, 2003, p. 87)

<sup>23</sup> Nas páginas 90-91, Fairclough (2003) apresenta exemplos de análise.

<sup>24</sup>Tais elementos são observados na análise do quarto parâmetro proposto por Travaglia (2007a): as características da superfície linguística.

informação/conhecimento, pedir bens e serviços, pedir informação/conhecimento. Fairclough (2003, p. 105-119) apresenta dois tipos principais de troca: **troca de conhecimento ou de informação e troca de atividade**. No primeiro, o foco está em obter e dar informação, fazer reivindicações, afirmar fatos etc. Já o segundo tipo de troca é orientado para uma ação não textual; seu foco é na atividade, nas pessoas fazendo coisas ou conseguindo que elas sejam feitas. Essas distinções dão origem, respectivamente, às quatro **funções de fala**: declaração ('realis' - de fato -; 'irrealis' - predições, declarações hipotéticas -; avaliações), pergunta, ordem/pedido e oferta, e aos três **modos oracionais** básicos: declarativo, interrogativo e imperativo. Esses modos oracionais contribuem para elucidar as relações estabelecidas na interação, principalmente se pensarmos em quem está autorizado a usar determinado modo oracional ou as escolhas e trocas que pode realizar em um dado contexto. Assim, segundo Eggins (2005), para analisarmos as relações estabelecidas na e por meio da interação, estudamos o que Halliday (1994) denomina de "gramática da oração como troca". Vejamos um quadro com exemplos:

QUADRO 01: Tipos de troca, funções de fala e modo gramatical

PRINCIPAIS TIPOS DE TROCA	PRINCIPAIS PAPEIS DA TROCA	FUNÇÕES DE FALA PRIMÁRIAS	MODO GRAMATICAL	EXEMPLOS
TROCA DE CONHECIMENTO/ INFORMAÇÃO	DAR	DECLARAÇÃO: 'realis' -de fato-; 'irrealis' -predições, declarações hipotéticas -; avaliações	DECLARATIVO	Entrevistador (( <i>lendo um texto enquanto é exibida a imagem do shopping, local onde ocorrem as entrevistas</i> )) eles foram às compras hoje...em duplas em trios em grupos...até carregados mas foram pais e filhos com uma missão daquelas...não desapontar as mães missão que cansa, viu! – (EFE1N)
	PEDIR/ DEMANDA PERGUNTA		INTERROGATIVO	Entrevistadora: essa tenda aqui é um convite pra uma experiência de ilusão de ótica... aqui do lado de fora a gente vê que o tubo vai até o chão (( <i>fala, apontando o dedo para o tubo</i> )) .... mas quando a gente se aproxima e olha aqui dentro... aí parece que não tem fim... mas não é magia não... é CIÊNCIA... como é que isso acontece? (EFE3L)

<b>TROCA DE ATIVIDADE (BENS E SERVIÇOS)</b>	DAR	OFERTA	INTERROGA TIVO MODULADO E O IMPERATIVO	<p>“Você gostaria de levar um presente para sua mãe?”<sup>25</sup></p> <p>Entrevistadora 2 RV: são muitas novidades... muitas dúvidas... como a gente viu... que vão animar as salas de aula... as discussões dentro de casa...e se você está aí querendo fazer pergunta pro professor S. N.... anote então nosso endereço na internet...ele vai participar de um bate-papo logo depois do jornal ((<i>na tela aparece o endereço eletrônico do jornal</i>))...o endereço é g1. com.br/bomdiabrasil...vou repetir...o endereço é g1. com.br/bomdiabrasil... (EEE1N)</p>
	PEDIR/ DEMANDAR	PEDIDO/ ORDEM	IMPERATIVO E INTERROGA TIVO	<p>“Você pode me emprestar sua borracha?”</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora, baseado em Halliday e Matthiesen (2004) e Fairclough (2003)

Ainda em relação à análise do gênero, Fairclough(2003) propõe que se leve em conta o modo como outros textos e vozes são incorporados em um texto, ou seja, a **intertextualidade**. Para Fairclough (2003, p. 39), “Em seu sentido mais óbvio, intertextualidade é a presença de elementos reais de outros textos em um texto - citações”<sup>26</sup>. Contudo, destaca que há outras formas menos óbvias, que as citações, de se incorporar elementos de outro texto, como a sua sumarização, que pode se realizar por meio do discurso relatado. Além disso, chama a atenção para o fato de que a incorporação de elementos de outros textos, em determinado texto, pode ser feita sem atribuição explícita.

O autor destaca também a negação e a ironia como marcas de intertextualidade. E, para a análise da intertextualidade, Fairclough (2003, p. 47) acredita ser útil levar em conta algumas questões como: a) “quais textos e vozes são incluídos, quais são excluídos e quais ausências significativas há no texto?”; b) onde outras vozes são incluídas e como?; c) são atribuídas, ou não?; d) são atribuídas especificamente ou não?; d) como essas outras vozes são tecidas em relação à voz do autor e a cada uma das outras?

<sup>25</sup> Os exemplos entre aspas foram criados por mim.

<sup>26</sup> Tradução minha de “In its most obvious sense, intertextuality is the presence of actual elements of other texts in a text – quotations”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 39)

### 3 PARÂMETROS PARA CARACTERIZAR CATEGORIAS DE TEXTO, NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Travaglia (2007a) define categorias de texto como

um conjunto de textos com características comuns, ou seja, uma classe de textos que têm uma dada caracterização, constituída por um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, objetivos e funções sociocomunicativas, características da superfície linguística, condições de produção, etc., mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las (Travaglia, 2004a). (TRAVAGLIA, 2007a, p. 40).

Essas categorias podem apresentar uma entre três naturezas diferentes, denominadas por ele de “tipelementos”, ou seja, “classes de categorias de texto de uma dada natureza” (TRAVAGLIA, 2007a, p. 41): o tipo, o gênero e a espécie. Travaglia (2009) acrescenta um quarto tipelemento o subtipo. O **tipo** se define e caracteriza por instaurar um modo de interação, de interlocução; o **gênero**, por exercer uma função sociocomunicativa específica; a **espécie**, por aspectos do conteúdo, da superfície linguística e/ou da forma (superestrutura). São exemplos de tipos citados pelo autor: descritivo, narrativo, injuntivo. O aconto, a notícia, o memorando são exemplos de gênero. Para ilustrar as espécies, o autor elenca, dentre outras, as espécies de convite – de casamento, de aniversário, para apresentações -, e de romance e de conto – histórico, regionalista, fantástico, policial, de capa e espada etc.

Como disse no início deste artigo, um de meus objetivos é investigar se a EFE e a EEE são uma espécie do gênero entrevista.

Para caracterizar o que chama de categorias de texto, Travaglia (2007a, 2007b, 2009) apresenta alguns critérios agrupados em cinco parâmetros distintos, os quais foram construídos tomando-se como base os elementos constitutivos do gênero propostos por Bakhtin (2003) a que se acrescentaram outros:

- a) **o conteúdo temático**: refere-se ao que pode ser dito em uma categoria de texto específica, ao que se espera encontrar dito em determinado tipo, gênero ou espécie;
- b) **a estrutura composicional**: engloba, por exemplo, a análise da superestrutura do texto, de sua composição por tipos, subtipos e espécies, da dimensão do texto, das linguagens que entram em sua composição, da sua

constituição em prosa ou em verso, da sua composição como texto representativo ou expositivo;

c) **os objetivos e/ou funções sociocomunicativas:** engloba a análise dos objetivos e ou funções sociocomunicativas que caracterizam o gênero. É importante destacar que nem sempre é fácil explicitar essas funções e que um mesmo gênero pode ter mais de um propósito;

d) **as características da superfície linguística:** Bakhtin denomina esse parâmetro como estilo verbal. A sua análise volta-se para a superfície linguística, para os recursos lexicais, frasais e textuais, geralmente em correlação com outros parâmetros. É importante observar quais recursos são predominantes em cada gênero;

e) **as condições de produção:** observa-se quem produz (inclui tanto o indivíduo, geralmente ocupando um lugar social, quanto o domínio discursivo ou esfera social) para quem, quando, onde (geralmente dentro de um quadro institucional), o suporte, o serviço (TRAVAGLIA, 2007a, p. 71).

Como já foi dito, em conformidade com o que foi proposto pelos membros do PETEDI, neste estudo as entrevistas são analisadas com base nesses cinco parâmetros e na proposta de Fairclough (2003) para análise de gêneros.

A seguir, apresento um quadro resumitivo das categorias que analisarei, no qual procuro estabelecer uma relação entre as duas propostas teóricas em diálogo:

QUADRO 2: Da relação entre a proposta de Fairclough (2003) e os parâmetros propostos por Travaglia (2007a, 2007b)

ASPECTOS PROPOSTOS POR FAIRCLOUGH (2003)	PARÂMETROS PROPOSTOS POR TRAVAGLIA (2007a, 2007b)
Nível de abstração:	estrutura composicional: tipos que entram na composição do gênero
a) pré-gênero	-----
b) gênero desencaixado	-----
c) gênero situado	-----
análise da ‘cadeia de gêneros’	-----
análise da mistura de gêneros em um texto particular	estrutura composicional
-----	conteúdo temático
análise de gêneros individuais em um texto particular:	
a) atividade: “o que as pessoas estão fazendo discursivamente?”; o/s propósito/s; estrutura genérica;	a) estrutura composicional: superestrutura; objetivos e/ou funções sociocomunicativas
-----	-----
b) relações sociais: análise das relações existentes entre os indivíduos que estão interagindo; Na análise dessas relações, é importante considerar a natureza dos participantes, seus status e papéis; como se relacionam entre si; tipo de troca (ver mais adiante), como agem uns sobre os outros e sobre si mesmos;	b e c) condições de produção



----- c) tecnologias da informação	
-----	estrutura composicional: análise da dimensão do texto, das linguagens que entram em sua composição, da sua constituição em prosa ou em verso, da sua composição como texto representativo ou expositivo
relações semânticas entre orações e frases, e trechos maiores do texto	características da superfície linguística
relações formais entre frases e orações, incluindo as gramaticais	
tipos de troca, função de fala e modo, em nível da oração; ação comunicativa ou ação estratégica	
Intertextualidade	-----

Fonte: Quadro elaborado pela autora

#### 4 Análise das entrevistas produzidas fora de estúdio (EFE) e das entrevistas produzidas em estúdio (EEE) e veiculadas em telejornais

Nesta análise, contemplo as categorias apresentadas no Quadro 2, da seção anterior. Contudo, não sigo a sequência do quadro porque considero mais produtivo, em alguns momentos, alterar essa sequência. Isso ocorreu, por exemplo, quando da análise dos pré-gêneros, a qual foi feita em sua relação com os elementos da estrutura genérica.

Conforme a perspectiva faircloughiana, tanto as EFE quanto as EEE são consideradas um **gênero situado**, pois estão situadas em uma prática social específica, a jornalística, a qual envolve a produção de um telejornal<sup>27</sup>. Elas fazem parte de uma **cadeia de gêneros**, a qual engloba o hipergênero telejornal, os gêneros que compõem o telejornal, tais como: reportagens, comentários, pauta, roteiro de entrevista dentre outros, os diferentes gêneros que circularam na época, antes e depois da exibição das entrevistas, sobre os temas abordados nas entrevistas, e os gêneros produzidos depois que fizeram referência à/s entrevista/s.

Nas EFE, não há materialização de um **mistura de gêneros**, ao contrário da EEE<sup>4L</sup>, entrevista com a dupla M.F. e B.R., na qual se tem o gênero entrevista, o gênero apresentação musical (os entrevistados fazem duas apresentações musicais durante a entrevista), e também o gênero anúncio publicitário, uma vez que se faz a divulgação de um produto, que é o *show* da dupla realizado na noite do dia em que a entrevista foi realizada, para que os

<sup>27</sup> É importante salientar que as EEE podem ser realizadas também em programas televisivos como o Canal Livre, o do apresentador Jô Soares, o da apresentadora Ana Maria Braga, entre outros. Em muitos deles, o apresentador do programa é também um jornalista.

telespectadores compreem os ingressos. Isso contribui para que se tenha uma mescla de ação comunicativa e ação estratégica, como explicitarei mais adiante.

Com relação ao que é dizível nesse gênero ou ao tipo de informação se espera encontrar em uma entrevista(**conteúdo temático** - Travaglia (2007a)), o caso das EFE, esse conteúdo diz respeito à opinião/posição do entrevistado sobre algum tema. Assim, por exemplo, na EFE1N, temos a opinião dos entrevistados sobre a compra de presentes para as mães, a serem dados no dia das mães, e a necessidade de se comprar presentes de menor valor. Na EFE2N, os entrevistados opinam sobre o aumento da inflação e,consequentemente, do preço dos remédios e dos alimentos. Na EFE3L, temos a opinião dos entrevistados sobre a mostra dos resultados de projetos de pesquisa e extensão, visitada por alunos de escolas municipais e estaduais de Uberlândia, Minas Gerais. Na EFE4L, há a opinião de comerciantes e de especialistas sobre as contratações temporárias que normalmente são realizadas no final do ano para atender às demandas do comércio. Com relação às EEE, além do que identifiquei na análise das outras entrevistas, é possível dizer que o **conteúdo temático** contemplainformações sobre alguma questão em evidência no momento ou sobre alguma produção ou apresentação cultural e esclarecimento de dúvidas dos telespectadores sobre determinado tema. Na EEE1N, temos a opinião de um conhecido professor de português sobre o novo acordo ortográfico. Na EEE2N, o ministro da saúde apresenta informações sobre a gripe suína, sobre os cuidados que a população deve ter, sobre uma nova vacina que está sendo testada, sobre os *kits* de tratamento que o governo recebeu e esclarece dúvidas da população apresentadas pelos entrevistadores. Na EEE3L, uma psicanalista fala sobre o combate e prevenção às drogas e esclarece dúvidas dos telespectadores. Algumas dessas dúvidas são exibidas em vídeo e outras, dos que não querem se identificar, são lidas pela entrevistadora. Na EEE4L, são entrevistados uma cantora e um músico que falam do show que realizarão na noite do dia da entrevista, dentro do projeto Quinta de Primeira, na cidade de Uberlândia.

No que concerne às **condições de produção**, o que, conforme Quadro 2, relaciona-se às relações sociais e às tecnologias da comunicação, é possível dizer que as EFE e as EEE, produzidas pela comunidade jornalística, são fruto de um trabalho coletivo, uma vez que já se iniciam na reunião de pauta da equipe editorial. As EFE são produzidas durante a realização

da reportagem da qual fazem parte e as EFE, durante o telejornal. Ambas são publicadas, primeiramente, por meio do suporte TV e, posteriormente, por meio da *internet*.

Nas EFE, o entrevistador está em algum local público, e lá entrevista pessoas interessadas em falar sobre o tema da reportagem. Em sua maioria, nas EFE, não há uma preparação por parte do entrevistado, mas há o planejamento por parte do entrevistador. Este geralmente aborda o entrevistado no momento da entrevista, às vezes o consulta antes sobre sua disponibilidade para responder a algumas perguntas, relacionadas a determinado tema, para a produção de uma matéria a ser exibida em telejornal. Relativamente às EFE, o/s entrevistado/s são previamente convidado/s por alguém da emissora, por e-mail, telefone etc.; há um agendamento de dia e horário para a realização da entrevista e o seu local de realização - o estúdio - é determinado pelo/s entrevistador/es. Diferentemente das EFE, as EFE podem ser conduzidas por um ou mais jornalista e o/s entrevistado/s é/são em geral especialista/s ou pessoa/s famosa/s ou uma autoridade. As EFE são produzidas, na maioria das vezes, ao vivo, para os telespectadores do telejornal em que são incluídas. O entrevistado é informado no ato do convite sobre o tema que será focado na entrevista, o que lhe permite fazer um planejamento do que poderá falar. Além disso, em geral ele chega com uma hora de antecedência e, antes da entrevista, há uma conversa informal entre entrevistado/s e entrevistador/es sobre o tema e sobre as possíveis perguntas que serão feitas. Isso dá ao entrevistado a possibilidade de elaborar melhor o seu dizer, o que resulta em construções de mais orações encaixadas e de orações que estabelecem entre si uma relação hipotática, conforme comprovado por meio da análise dos exemplares do *corpus* como se verá mais adiante.

Com relação à **atividade e às tecnologias da comunicação**, o que compreende analisar o que as pessoas estão fazendo discursivamente; o/s propósito/s e a estrutura genérica, considero, seguindo Ottoni (2009), que o/s entrevistador/es e entrevistado/s estão participando de um evento discursivo, em uma situação de interação em que o/s primeiro/s procura/m obter informações e/ou saber a opinião do/s segundo/s. Essa interação, no caso das EFE, se dá face a face e, dessa forma, tem-se comunicação dialógica não-mediada. Já no tocante às EFE, essa interação pode ser: a) face a face (EEE1N, EEE3L, EEE4L), em que todos os interlocutores – entrevistador/es e entrevistado/s - partilham um mesmo sistema referencial de tempo e espaço, o que significa que também se tem uma comunicação dialógica

não-mediada; b) face a face e mediada por sistema de videoconferência (EEE2N), em que alguns interlocutores partilham apenas um mesmo sistema referencial de tempo e outros, o de tempo e de espaço, uma vez que dois dos entrevistadores estão em um estúdio no Rio de Janeiro e uma entrevistadora e o entrevistado estão em um estúdio em Brasília. Neste caso, tem-se uma comunicação dialógica não-mediada entre os que estão em um mesmo estúdio e uma dialógica mediada por sistema de videoconferência entre os quatro participantes.

Segundo Ottoni (2009, p. 7), “Isso se dá em função de que as entrevistas em estúdio, em telejornais, podem ser produzidas” com pelo menos três configurações: “1. no mesmo estúdio em que o/s apresentador/es comumente apresenta/m o telejornal, mas em cenário criado especificamente para a realização de entrevistas”, como nas entrevistas EEE1N, EEE3L, EEE4L; “2. no mesmo estúdio e cenário em que o/s apresentador/es comumente apresenta/m o telejornal” (não há exemplo disso no *corpus* usado neste artigo, mas Ottoni (2009) analisou um exemplar); “3. em estúdio diferente do utilizado para apresentação do telejornal e em cenário criado especificamente para a realização de entrevistas”, como na EEE2N. Para ilustrar essas configurações, reproduzo as imagens apresentadas por Ottoni (2009, p. 7-8):

FIGURA 1: Configurações das EEE



em estúdio diferente do utilizado para apresentação do telejornal e em cenário criado especificamente para a realização de entrevistas (EEE2N)



Estúdio no Rio de Janeiro



Estúdio em Brasília

Fonte: Ottoni (2009, p. 7-8)

A atividade especificada envolve algumas tecnologias, tais como: o microfone; as filmadoras; os equipamentos para transmissão; o *tablet* usado pelos entrevistadores (no caso das EEE) etc. Da mesma forma, o consumo e a distribuição das entrevistas acontecem na dependência direta de algumas tecnologias de comunicação, uma vez que, sem uma televisão, ou computador com programa de vídeo disponível, ou celular com acesso à TV, não é possível assistir às entrevistas exibidas nos telejornais.

Ainda como parte da análise da **atividade**, teço agora considerações sobre os propósitos (FAIRCLOUGH, 2003) ou o **objetivo/função sociocomunicativa** (TRAVAGLIA, 2007a, 2007b), e sobre a **estrutura genérica** (FAIRCLOUGH, 2003) ou **superestrutura** (TRAVAGLIA, 2007a).

O **propósito** (FAIRCLOUGH, 2003) ou o **objetivo/função sociocomunicativa** (TRAVAGLIA, 2007a, 2007b) das EFE é apresentar a opinião do/s entrevistado/s a respeito do tema tratado em reportagens de telejornal, como forma de tecer a direção argumentativa da reportagem televisiva e de comprovar o que está sendo dito pelo repórter e entrevistador. Já em relação às EEE, pode-se dizer que seus propósitos são: apresentar a opinião de especialista ou de pessoa de conhecimento notório sobre determinado tema ou conhecer a vida de pessoas públicas como cantores, atores e políticos, e divulgar uma apresentação.

No que concerne à **estrutura genérica**(FAIRCLOUGH, 2003) ou **superestrutura** (TRAVAGLIA, 2007a), a análise revelou diferenças entre as EFE e as EEE, as quais são constituídas das seguintes partes:

QUADRO 3: Estrutura genérica das EFE e das EEE

EFE	EEE
1 Introdução ou abertura - <b>OBRIGATÓRIA</b>	1 Introdução ou abertura- <b>OBRIGATÓRIA</b>
2 Interação entrevistador e entrevistados - <b>OBRIGATÓRIA</b>	2 Cumprimentos- <b>OPCIONAL</b>
	3 Sequência de perguntas do/s entrevistador/es e respostas do/s entrevistado/s- <b>OBRIGATÓRIA</b>
	4 Sequência de perguntas feitas pelos telespectadores e respostas do/s entrevistado/s- <b>OPCIONAL</b>
	5 Convite ao/s entrevistado/s para fazer/em uma apresentação artística e apresentação artística- <b>OPCIONAL</b>
	6 Fechamento- <b>OPCIONAL</b>
	7 Agradecimento e despedida- <b>OBRIGATÓRIA</b>

Fonte: Elaborado pela autora

As duas partes da EFE são obrigatórias e, das sete partes da estrutura do gênero EEE, três são obrigatórias: a primeira, a terceira e a última. As outras quatro são opcionais. Como argumenta Fairclough (2003), certos elementos sempre ocorrem em determinado gênero ao passo que outros ocorrem só algumas vezes; pode haver rigidez na sequência na qual alguns elementos ocorrem e variação na que outros elementos ocorrem; mesmo nos gêneros em que há uma estrutura genérica relativamente clara e predizível, é possível encontrar muita variação em textos reais.

Em referência à **estrutura genérica das EFE**, a análise revelou os seguintes elementos:

I - INTRODUÇÃO OU ABERTURA: esta parte é produzida por meio da exibição de imagem do local onde a entrevista é realizada e do/s entrevistado/s, enquanto se ouve a voz do entrevistador que faz a introdução ao tema da entrevista. É relevante destacar que, na maioria das vezes, o/a apresentador/a do telejornal, na chamada da entrevista, inicia a introdução do tema e o/a entrevistador dá continuidade a ela, como na EFE1N, EFE2N e EFE4L. Vejamos um exemplo de uma entrevista nacional e de uma local:

(1) ((*Imagem de repórter no estúdio apresentando a reportagem que será exibida.*))

Apresentador do telejornal: Na véspera do dia das mães os filhos vão às compras... uma pesquisa mostra que a maioria pretende dar um presente e que vai gastar em média sessenta e dois reais e a



maior parte das mães vai ganhar sapatos e roupas...justamente os presentes que elas mais querem...mesmo assim os comerciantes acham que as vendas vão ser menores que no ano passado.

*((sai a imagem do estúdio e entra a imagem de um shopping Center))*

Entrevistador: *((lendo um texto enquanto é exibida a imagem do shopping, local onde ocorrem as entrevistas))* eles foram às compras hoje...em duplas em trios em grupos...até carregados mas foram pais e filhos com uma missão daquelas...não desapontar as mães missão que cansa... viu! *((enquanto o entrevistador lê o texto, algumas famílias são filmadas fazendo compras no shopping.))*-**Trecho da EFE1N**

(2) *((imagem do estúdio, a apresentadora do telejornal faz uma introdução, para, em seguida, o vídeo da reportagem ser reproduzido.))*

Apresentadora do telejornal: Quando chega nessa época a gente costuma trazer índices sobre o movimento no comércio... a expectativa de vendas para dezembro... só que dois mil e quinze tem sido um ano de incertezas e a gente foi às ruas saber... como serão as contratações temporárias? isso depende! o que se sabe é que para se conseguir uma vaguinha é preciso estar muito bem preparado.

Entrevistadora: *((entra apenas o som da voz da entrevistadora lendo o texto, enquanto são mostradas imagens de decoração de natal de uma loja e imagens dos produtos e movimento de pessoas na loja.))* a decoração de natal já está quase toda pronta... mas o que vai faltar nessa loja são as contratações temporárias. É a primeira vez em seis anos que a empresa deixa de contratar nesse período. - **Trecho da EFE4L**

Contudo, há casos em que a introdução ao tema é feita somente pelo/a apresentador/a do telejornal e a exclusão dessa parte compromete a construção de sentidos a partir apenas da entrevista, como acontece na EFE3L:

(3) *((imagem do estúdio, a apresentadora do telejornal faz uma introdução, para, em seguida, o vídeo da reportagem ser reproduzido.))*

Apresentadora do telejornal: Mais de dois mil alunos de Escolas Municipais e Estaduais de Uberlândia estão tendo a oportunidade de aprender mais sobre Ciências... Matemática e Inclusão Social...mas isso... brincando

*((entram imagens de crianças - incluindo o menino que será o entrevistado 1 -, brincando com próteses de papelão, e o som da voz da entrevistadora falando o seguinte))*

Entrevistadora: apesar do esforço do K...foi preciso muitas tentativas até conseguir pegar o copo plástico com essa espécie de prótese de papelão.*((aparece em foco a imagem do entrevistado))* é fácil? *((não aparece a imagem da entrevistadora))* - **Trecho da EFE3L**

II – INTERAÇÃO ENTREVISTADOR E ENTREVISTADOS: esta parte é constituída basicamente das falas do/a entrevistador/a e dos/as entrevistados/as e da imagem destes/as e do/s local/is onde a entrevista é produzida. A partir da análise dos exemplares selecionados e de outros a que assisti, é possível dizer que,na maioria, não há perguntas do/a entrevistador/a. Após a introdução do tema, já aparece a resposta do primeiro entrevistado sem que a pergunta a ele feita seja apresentada, como na EFE1N, na EFE2N e na EFE4L. Provavelmente, as



perguntas foram feitas no local da entrevista e excluídas quando da edição da reportagem.

Vejamos um trecho ilustrativo:

- (4) Entrevistadora: *((entra apenas o som da voz da entrevistadora lendo um texto, enquanto são mostradas imagens de pessoas comprando remédios em uma farmácia))* A conta da farmácia dói no bolso... os remédios aumentaram dois vírgula noventa e nove por cento e tiveram um grande impacto na inflação de abril *((sai imagem de farmácia e aparece um gráfico do IPCA... no qual as informações ditas pela entrevistadora aparecem ilustradas.))* O IPCA... índice nacional de preços ao consumidor... foi de zero vírgula cinquenta e cinco por cento... acima do índice de março... No acumulado dos últimos doze meses a alta do IPCA chegou a seis vírgula quarenta e nove por cento e voltou a ficar dentro do teto da meta da inflação do Banco Central que é de seis vírgula cinco por cento *((sai imagem do gráfico e entra imagem da entrevistadora em um supermercado.))* em abril os alimentos subiram menos do que em março... mas aqui no supermercado os consumidores continuam sentindo os efeitos da inflação... alguns produtos muito comuns na mesa do brasileiro ficaram mais caros... *((ao lado da imagem, enquanto a entrevistadora fala, aparece um quadro apresentando o aumento da inflação nos preços de cada produto.))* como a batata... o tomate... o feijão... o leite... hortaliças e verduras *((sai a imagem da entrevistadora no supermercado, entra imagem do entrevistado, A. B., economista da FGV provavelmente previamente gravada em outro local))*

Entrevistado I (economista da FGV): na feira... agora... a dona de casa já vai percebê preço de cebola e de tomate que foram vilões da inflação recentemente... em queda de preço...isso vai ficá claro agora... já a partir... dessa primeira semana de maio *((sai imagem do entrevistado I, entra imagem do supermercado acompanhando a voz da entrevistadora que lê um texto.))* - **Trecho da EFE2N**

É relevante destacar que, nas EFE, dos 23 (vinte e três) turnos dos entrevistadores, em apenas 04 (quatro), eles fazem uma pergunta ao entrevistado. Isso significa que em apenas 17% dos turnos há uma pergunta feita pelo entrevistado. Nos outros 19 (dezenove) turnos, o que se tem são considerações sobre o que está ocorrendo no momento no/s local/is da entrevista e sobre o tema em destaque. Vejamos um excerto em que há inclusão e exclusão de perguntas do/a entrevistador/a; nele há apenas uma pergunta feita pela entrevistadora:

- (5) Entrevistadora: *((entra apenas o som da voz da entrevistadora, enquanto são mostradas outras imagens de crianças brincando com prótese de papelão e vendo outras experiências))* e a brincadeira não para. A proposta é estimular a participação... pelo menos dois mil estudantes passaram por aqui *((entra imagem da entrevistada II – S. M. – coordenadora do evento. Não foi incluída a pergunta feita a ela pela entrevistadora))*

Entrevistada II: aqui você pode despertar curiosidade... a vontade de entender... é/é... os meninos se empolgam... você consegue perceber neles essa/essa empolgação por entender alguma coisa... ou por ter vontade de aprender outras coisas. *((exibida a imagem da entrevistadora D. R. , da tenda sobre a qual ela falará e do entrevistado III que está próximo a um tubo na tenda))*

Entrevistadora: essa tenda aqui é um convite pra uma experiência de ilusão de ótica... aqui do lado de fora a gente vê que o tubo vai até o chão *((fala, apontando o dedo para o tubo))* .... mas quando a gente se aproxima e olha aqui dentro... aí parece que não tem fim... mas não é magia não... é CIÊNCIA... como é que isso acontece? *((são exibidas imagens do entrevistado III e do tubo))*

Entrevistado III: bom... é simples... aqui é... simplesmente tá acontecendo o efeito de reflexão... porque a gente tem um espelho no fundo e um semi-espelho na frente... onde a luz... só tem uma fita de led... onde essa luz vai bater... refletir no espelho e ser refletida no semi-espelho aonde vai dá à sensação de profundidade. *((entra o som da voz da entrevistadora falando o texto a seguir, enquanto são mostradas outras imagens de crianças assistindo à apresentação das experiências pelos pesquisadores e participando delas e imagens dos produtos oriundos das pesquisas.))*

Entrevistadora: o encantamento é visível... as crianças nem percebem o tempo passar... sentam-se no chão para conhecer os planetas do nosso Sistema Solar e é só olhar pro varal... pro telão... pra ver eles bem de perto. Todos os trabalhos expostos na atividade estão ligados a Projetos de Pesquisa e Extensão do Instituto Federal do Triângulo Mineiro da Universidade Federal de Uberlândia. M...por exemplo... orienta aqui atividades de Matemática. *((entra imagem de M. – universitário, entrevistado IV))*

Entrevistado IV: a gente trabalha aqui com montagem... com do/dobraduras... então... acaba chamando mais a atenção do aluno e torna a Matemática uma coisa mais agradável... já que pra muitos é/é tida como um bicho de sete cabeças.

Entrevistadora: *((entra apenas o som da voz da entrevistadora, enquanto são mostradas outras imagens de crianças vendo e/ou participando de mais experiências.))* e desse jeito aprender fica bem mais fácil. *((entra imagem do professor J. A. de S., entrevistado V, já respondendo à pergunta da entrevistadora, a qual não é reproduzida))*

Entrevistado V: geralmente... nas aulas que são mais teóricas... eles não prestam muita atenção... mas... quando são atividades mais práticas e lúdicas... eles conseguem se concentrar mais.

Entrevistadora: *((entra o som da voz da entrevistadora, enquanto são mostradas outras imagens de crianças brincando com experimentos.))* os estudantes... é claro... gostaram! - **Trecho da EFE3L**

Nas EFE, não há um fechamento. Em algumas, o que se tem é o retorno da imagem do estúdio, onde o/a apresentador/a do telejornal está, o qual dá continuidade ao telejornal ou faz um fechamento da reportagem da qual a entrevista é parte. Assim, o fechamento não diz respeito à entrevista propriamente. Seguem alguns exemplos:

(6) Entrevistado V (menino): minha mãe ela é super legal e::: eu gosto dela porque ela é médica... e ela sempre foi minha melhor mãe *((a imagem volta para o estúdio, dando continuidade ao telejornal.))*- **Trecho da EFE1N**

(7) Estudantes: GOSTAMOS... TEM MUITAS BRINCADEIRAS *((sentados no chão, falam todos juntos, em coro, com voz bem alta. Em seguida, volta imagem do estúdio))*

Apresentadora: as atividades vão até amanhã... às duas da tarde... no Ginásio do Sabiazinho.- **Trecho da EFE3L**

Isso se deve ao fato de que as EFE selecionadas entram na composição de um outro gênero, a reportagem, que, por sua vez, entra na composição de um hipergênero, o telejornal. Como tal, elas constituem uma parte dentro da superestrutura da reportagem, a qual pode ser assim representada: introdução feita pelo/a apresentador/a do telejornal em estúdio; desenvolvimento do tema pelo repórter responsável pela reportagem, o que se dá fora do estúdio, por meio da inclusão da imagem e de vozes do/a entrevistador/a e dos/as

entrevistados/as – cidadãos comuns e/ou especialistas - e da imagem de produtos, de gráficos e dos locais onde as entrevistas acontecem.

É necessário salientar que, como essas reportagens não foram exibidas ao vivo, o repórter fez as gravações fora do estúdio e depois, a partir do que foi dito pelos/as entrevistados/as, produziu suas falas que antecederam às dos/as entrevistados/as, de modo que elas foram inter-relacionadas. Isso pode ser visto, por exemplo, no excerto (5) e em outros, como neste:

- (8) Entrevistador: *((lendo um texto enquanto é exibida a imagem do shopping, local onde ocorrem as entrevistas))* os consumidores confirmam essa tendência e estão mais cuidadosos nas compras.  
 Entrevistado III *((homem de óculos))*: (a gente dá) só uma lembrancinha mesmo pensando no que a gente pode pagá sem apertá no::: sem atrapalhá o mês assim.  
 Entrevistador: *((lendo o texto enquanto é exibida a imagem do shopping, local onde ocorrem as entrevistas))* Economizar PODE o que não pode é não dar presente.  
 Entrevistado IV (homem de blusa amarela): mais do que errá é esquecê... seesquecê... a coisa... a...coisa pega. - **Trecho da EFE1N**

Desse modo, não há necessidade de se incluir todas as perguntas, como ocorre nas EFE, conforme se verá mais adiante. Por meio da edição, nas EFE tem-se um texto no qual a fala dos/as entrevistados/as, em geral, é inserida para complementar ou justificar a fala do/a entrevistador/a ou para ilustrar algo sobre o que ele/a acabou de falar. Conforme Bortolozzo (2013), se for abordado na reportagem o aumento no preço do combustível, por exemplo, o entrevistador fará entrevistas com pessoas que estão abastecendo seus carros e esses indivíduos falarão, por exemplo, sobre como a influência da inflação em suas vidas. Nesse sentido, como defende Bortolozzo (2013), a opinião pública constitui um argumento para a construção da direção argumentativa na reportagem televisiva e a EFE exerce papel importante na cadeia de gêneros que compõe o telejornal.

A análise também mostrou que nas EFE há vários/as entrevistados/as e que, normalmente, é incluída apenas uma fala de cada um/a. Houve apenas um caso em que o mesmo entrevistado, uma criança, assumiu o turno mais de uma vez, na EFE1N. Vejamos:

- (9) Entrevistador: *((lendo um texto enquanto é exibida a imagem do shopping, local onde ocorrem as entrevistas))* E porque às vezes a gente precisa limpar a barra quando se...compromete na declaração.  
*((entra imagem de um garotinho segurando a mão de seu pai, o entrevistador fica de joelhos para entrevistar o menino.))*  
 Entrevistado V (menino): ela tem uns quarenta e sete anos... é meio velhinha*((nesse momento, tanto o entrevistador quanto o pai riem do comentário da criança.))*  
 Entrevistador: não fala isso no dia das mães rapaz *((ri))*

Entrevistado V (menino): É... mas ela é muito bonitinha

Entrevistador: é bonitinha... tá! E o que mais? você gosta da sua mãe...por quê?

(...)

Entrevistado V (menino): minha mãe ela é super legal e::: eu gosto dela porque ela é médica... e ela sempre foi minha melhor mãe. ((a imagem volta para o estúdio, dando continuidade ao telejornal.))

Quanto à **estrutura genérica das EEE**, temos:

**IAPRESENTAÇÃO DO ENTREVISTADO E DO TEMA:** elemento obrigatório, composto pela apresentação, por parte do/s entrevistador/es, da(s) circunstância(s) que levou/aram à entrevista, do objetivo e do foco da entrevista seguido de breve apresentação do(s) entrevistado(s). Vejamos exemplos:

(10) ((Apresentadores M. G. e R. V. e convidado estão sentados em poltronas, em cenário especial para entrevistas com convidados. As poltronas ficam em semicírculo, dispostas de forma que o entrevistado fique de frente para os entrevistadores. No centro da sala, há uma mesa. Entre as poltronas dos entrevistadores, fica uma pequena mesa, sobre a qual está um notebook, aberto com a tela virada para a entrevistadora ))

Entrevistador 1 M.G.: são muitas mudanças na língua portuguesa. O brasileiro vai ter que se adaptar ao novo acordo ortográfico... hífen... acentos e trema... tudo isso agora tem novas regras.

Entrevistadora 2 R.V.: pois é... por isso... nós recebemos aqui hoje... no estúdio... o professor de português Sérgio Nogueira. Professor... tem muita gente apreensiva. ..São muitas regras -

**Trecho da EEE1N**

(11) ((apresentadora e entrevistadora P. C. e convidados estão sentados em poltronas, num cenário criado para realização de entrevistas, com cadeiras dispostas em semicírculo e uma mesa no centro da sala))

Entrevistadora: hoje... no Vinil Cultura Bar... teremos a apresentação de M. F.... dentro do projeto Quinta de Primeira...o show acontece a partir das 10h da noite e... para falar sobre... estão aqui a M. e o B. ..boa tarde! hoje nós vamos ter a oportunidade de assistir ao show de vocês - **Trecho da EEE4L**

**II CUMPRIMENTOS:** parte em que entrevistador/es e entrevistado/s se cumprimentam. A análise do *corpus* deste estudo e a observação de outras EEE revelaram que o cumprimento é um elemento opcional, uma vez que não foi incluído em alguns exemplares observados nem na EEE1N e EEE4L, por exemplo. Ele constitui a EEE2N e a EEE3L:

(12) Entrevistadora 2 Z (estúdio em Brasília): bom dia! ((dirigindo-se aos colegas apresentadores))  
bom dia... ministro!

Entrevistado: bom dia!- **Trecho da EEE2N**

(13) Entrevistadora: (...) aqui no estúdio nós recebemos o psicanalista A. M. que vai esclarecer as suas dúvidas... seja bem-vindo A.

Entrevistado: brigadu -**Trecho da EEE3L**

III SEQUÊNCIA DE PERGUNTAS DO/S ENTREVISTADOR/ES E RESPOSTAS DO/S ENTREVISTADO/S: elemento obrigatório na estrutura do gênero. Esta é a maior parte da maioria das entrevistas. Nela, tem-se a abordagem do tema por meio de um conjunto de perguntas, feitas pelos entrevistadores, e de respostas, dadas pelo/s entrevistado/s. Junto às perguntas e às respostas, também podem ser apresentados comentários/avaliação dos participantes acerca do que está sendo falado. Vejamos um exemplo:

(14) Entrevistadora 2 Z (estúdio em Brasília): vamos começar com o que parece ser uma boa notícia...um laboratório australiano começou a testar a vacina em humanos, a vacina contra a nova gripe...será que finalmente nós vamos ter essa vacina?

Entrevistado: é uma boa notícia! (...) mas para essa nova gripe... como é um vírus novo (...) qual é a importância dessa notícia? (...) aqui no Brasil... nós vamos estar usando essa vacina no inverno do ano que vem... em maio e junho...por isso... temos ainda um tempo.. o Instituto Butantan (...)

Entrevistadora 2 Z (estúdio em Brasília): há uma corrida contra o tempo e o Renato tem agora uma pergunta para o senhor lá no Rio.

Entrevistador 1 R.M. (estúdio no Rio de Janeiro): há uma corrida aos postos de saúde...a população está talvez com mais temor (...) até porque não tem informações completas sobre esse vírus (...) vamos recapitular (...) o que as pessoas devem e o que as pessoas não devem fazer... ministro.

Entrevistado: olha... essa pergunta é fundamental! todos os anos... durante o inverno... as temperaturas baixam e as doenças respiratórias circulam com mais rapidez...(..)

Entrevistadora 3, R.V. (estúdio no Rio de Janeiro): então... ministro (...) essa informação que é muito importante... a medicação para quem está com a nova gripe é a mesma da normal? e mais... eu gostaria que o senhor também reforçasse a importância da gente alertar as pessoas quanto aos riscos da automedicação (...).

Entrevistado: uma das dúvidas mais recorrentes nesse caso que eu tenho percebido (...) as pessoas têm uma dúvida que é sobre o tratamento... NE? uma pergunta que se faz muito é... por que que eu não tenho acesso ao tratamento na farmácia? não houve nenhuma proibição do governo de proibir que a farmácia vendesse um medicamento específico... isso foi uma decisão do laboratório produtor... porque há uma grande demanda no mundo inteiro e ele não tem simplesmente medicamento para entregar nas farmácias (...) se nós tivéssemos o remédio nas farmácias... nós teríamos o quê? uma corrida das pessoas... alto consumo... automedicação(...)

Entrevistado: na verdade... são 50 mil novos <sup>2</sup>[tratamentos e não medicamentos].

Entrevistadora 2 Z (estúdio em Brasília): <sup>2</sup> [tratamentos...] <sup>3</sup>[correto!]

Entrevistado: <sup>3</sup>[nós temos nove milhões] de tratamentos na Fundação Oswaldo Cruz em matéria-prima... que tão sendo encapsulados...nas próximas semanas... nós vamos receber mais 150 mil tratamentos... (...).

Entrevistadora 2 Z (estúdio em Brasília): A R. tem uma nova pergunta.

Entrevistadora 3... R.V. (estúdio no Rio de Janeiro): pois é... ministro... a gente ouviu muito as pessoas nas ruas (...) perguntando exatamente sobre o que fazer com relação à gripe suína. Por exemplo... eu ouço muitas pessoas perguntarem (...) se a gente usar álcool gel às vezes numa sala de aula... numa escola em que uma pessoa tenha tido gripe suína ajuda nesse caso? (...) dividir refeições com uma pessoa que possa estar gripada é uma possibilidade de contágio?

Entrevistado: esse aspecto é muito importante...tem 3 dicas extremamente importantes...a primeira... que pouca gente sabe... quando o ministério diz que o vírus circula no Brasil... por favor... tem gente que acha que o vírus tá andando por aí...(..) se você coloca a mão em uma dessas áreas contaminadas (...)se você tá numa situação em que você não tem tempo de ir ao banheiro (...) se você tá tossindo e espirrando... é uma medida de proteção dos outros... é muito importante... proteger a mão/a boca e o

nariz com lenço descartável (...) [use] um lenço de pano que seja de uso apenas seu ..não dá pra compartilhar um lenço com outras pessoas... e... por fim... a outra pergunta é exatamente isso... em hipótese alguma... compartilhe copos... talheres... pratos e alimentação com outras pessoas. – **Trecho da EEE2N**.

IV SEQUÊNCIA DE PERGUNTAS FEITAS PELOS TELESPECTADORES E RESPOSTAS DO/S ENTREVISTADO/S: este elemento é opcional na estrutura do gênero. Por meio de telefone, *e-mails*, vídeos, os telespectadores fazem perguntas ao/s entrevistado/s. Algumas vezes, é exibido o vídeo no qual o telespectador faz a pergunta; em outras, o entrevistador lê a pergunta recebida pela *internet*, como na EEE3L:

- (15) ((*Neste momento, começam a ser reproduzidos vídeos com perguntas de telespectadores para que o psicanalista responda. Além dos vídeos, a entrevistadora também lê perguntas que foram feitas por outros telespectadores. Alguns destes não queriam se identificar*))  
 Entrevistadora ((*reproduzindo a pergunta feita por um telespectador*)): (...) pra gente encerrá A. tem algum problema de saúde pra quem fica perto de pessoas consuminu drogas? essa pessoa também não quis se identificá  
 Entrevistado: um problema de saúde/a depende se... se a droga que tivé sendo consumida é uma droga que se fuma se é maconha se é crack tem fumaça o sujeito vai inalá fumaça e etcétera... o problema de tá perto do usuário de drogas principalmente pra família é que a família acaba adoecendo junto com o sujeito – **Trecho da EEE3L**

V CONVITE AO/S ENTREVISTADO/S PARA FAZER/EM UMA APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA E APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA: este elemento também é opcional e ocorre, geralmente, quando o entrevistado é um músico, um cantor, um ator etc., como na EEE4L:

- (16) Entrevistadora: vamos mostrar então uma música do repertório.  
 Entrevistada 1, M.F., cantora: Tá bom.  
 ((*Os artistas fazem uma apresentação musical. B. toca o violão e M. canta uma música em inglês*)) -**Trecho da EEE4L**

VI FECHAMENTO: este elemento também é opcional. Nesta parte, o entrevistador conclui a entrevista. Em alguns exemplares do gênero, o entrevistador volta a dizer quem foi entrevistado e, nas entrevistas que objetivam divulgar um evento, há no fechamento uma retomada das informações referentes ao evento, como na EEE4L. Também, em alguns exemplares, há um convite aos telespectadores, para que eles participem de bate-papo *online* com o entrevistado, como na EEE1N. Nos exemplares analisados, há fechamento apenas na EEE1N (ver exemplo no Quadro 1) e na EEE4L:

- (17) Entrevistadora: tá certo. Eu conversei aqui com a M. F. cantora e com B. R....músico.  
 Entrevistada 1, M.F., cantora: esperamos todos lá hoje à noite



Entrevistadora: com certeza... bom show pra vocês... só lembrando que M. F. e B.R. se apresentam hoje no Vinil Cultura Bar... a partir das 10 da noite... não dá para perder... né?  
 Entrevistada 1... M.F., cantora: não... de jeito nenhum - **Trecho da EEE4L**

VII AGRADECIMENTO E DESPEDIDA: este elemento é obrigatório nas EEE. O/s entrevistador/es faz/em os agradecimentos ao/s entrevistado/s, este/s retribui/em o agradecimento e, em algumas entrevistas, há um agradecimento aos telespectadores. Vejamos exemplos:

- (18) Entrevistadora 2 R.V.: um bom dia... obrigada professor... e até amanhã - **Trecho da EEE1N**  
 (19) Entrevistadora 2 Z (estúdio em Brasília): ministro... muito obrigada por sua participação <sup>4</sup>[aqui no Bom dia Brasil]  
 Entrevistado: <sup>4</sup>[eu que agradeço] - **Trecho da EEE 2N**  
 (20) Entrevistadora: é:: não tem jeito... OK... A... muito obrigada pelas suas informações... pelos seus esclarecimentos.  
 Entrevistado: pois não... foi um prazer estar com vocês.  
 Entrevistadora: uma boa tarde!  
 Entrevistado: igualmente! - **Trecho da EEE3L**  
 (21) Entrevistada 1, M.F., cantora: obrigada.  
 Entrevistadora: obrigada pela presença de vocês.  
 (trechos do fechamento)  
 Entrevistadora: tá certo... obrigada... gente - **Trecho da EEE4L**

Como disse, considero produtivo articular a análise da estrutura genérica à dos pré-gêneros – categoria com alto nível de abstração – realizados no gênero entrevista, uma vez que manifestam aspectos da realização da composição do gênero. No tocante aos **pré-gêneros** (FAIRCLOUGH, 2003), a análise dos exemplares vistos pela televisão e acessados pela *internet* e dos que compõem o *corpusevidenciou* a prevalência do pré-gênero ou tipo dissertativo-expositivo<sup>28</sup>, o qual se se realiza nas duas partes que compõem a estrutura genérica das EFE, como se pode ver nos excertos (1) a (8). E, nas EEE, ele se realiza especialmente nas partes: sequência de perguntas do/s entrevistador/es e respostas do/s entrevistado/s, como em (14); sequência de perguntas feitas pelos telespectadores e respostas do/s entrevistados, como em (15); e no excerto a seguir da EEE1N:

- (22) Entrevistador 1 M.G.: o hífen some e é mantido se depois dele vem a letra agá ou uma vogal igual à letra anterior ao sinal? vamos dar um exemplo para ficar mais prático... <sup>1</sup>[anti-horário].  
 Entrevistado S.N.: <sup>1</sup>[exato! anti-horário] mantém o hífen em anti-horário... por causa do agá... eu vejo... no caso do hífen... até uma melhoria... não é o ideal... o ideal era acabar com o hífen... mas já que ele conseguiu sobreviver... pelo menos temos que observar pelo lado positivo... eu sou muito positivo... eu acho que houve uma simplificação... por exemplo... os prefixos e falsos

<sup>28</sup> Sobre as características do dissertativo-expositivo, ver Travaglia (2009, p. 2635-6).



prefixos – não importa se vêm do latim ou do grego – terminados em vogal... a grande massa só terá hífen a partir de agora se for agá ou vogal igual... dá até para decorar a regra...então... anti-horário vai ficar com hífen... perfeito? anti-inflamatório ...que não deveria ter... mas as pessoas já usavam...passa oficialmente a ter hífen... porque a vogal é igual...anti termina em i... e inflamatório começa com i...esta regra é muito interessante...e... vai causar estranheza? vai...por exemplo... no caso do s que vai ter que dobrar... como é o caso autosserviço e antissocial... ficar com dois esses...os dois erres... também vai ter que dobrar... como em autorreforma...vai dar um pouco de dor de cabeça – **Trecho da EEE1N.**

A análise das EFE também mostrou a presença do pré-gênero ou tipo descritivo<sup>29</sup>, como na EFE1N, excerto (9), o qual foi realizado na parte referente à interação entrevistador e entrevistados da estrutura genérica. E o pré-gênero ou tipo injuntivo<sup>30</sup> no fechamento da EEE1N (ver exemplo no Quadro 1) e na sequência de perguntas do/s entrevistador/es e respostas do/s entrevistado/s, na EEE2N, como no excerto 12.

Devo salientar o fato de que a descrição também é materializada por meio da representação imagética do espaço e dos participantes – entrevistador/a e entrevistado/a, tanto nas EFE quanto nas EEE.

Passo agora à análise das **relações sociais**, a qual se volta para a natureza dos participantes, seus *status* e papéis; como se relacionam entre si; tipos de troca, como agem uns sobre os outros e sobre si mesmos. Neste estudo, considero apenas a relação entre os participantes entrevistador/a e entrevistado/a e não o “dispositivo triangular” do qual participam entrevistador, entrevistado e “um terceiro-ausente, o ouvinte”, como postula Charadeau (2006).

A análise do *corpus* revela que nas EFE há um só entrevistador e mais de um entrevistado. Contudo, ao longo do estudo, assisti a um telejornal no qual uma reportagem exibida era composta por uma entrevista feita com apenas um entrevistado. Assim, é possível afirmar que há um predomínio de EFE da qual participa mais de um entrevistado, mas não é

---

<sup>29</sup>Conforme Travaglia (1991), na descrição, o enunciador se coloca na perspectiva do espaço em seu conhecer, o que se quer é caracterizar, dizer como é. O interlocutor é tido como um “voyeur” do espetáculo. Ele ainda afirma que “O tipo descritivo vai se caracterizar por trazer a localização do objeto de descrição (não obrigatoriamente), características (cores, formas, dimensões, texturas, modos de ser, etc.) e/ou componentes ou partes do “objeto” descrito.” (TRAVAGLIA, 2007a, p. 43)

<sup>30</sup>De acordo com Travaglia (2009, p. 2634), “No texto injuntivo temos o enunciador na **perspectiva** do fazer posterior ao tempo da enunciação, com o **objetivo** de dizer-se a ação requerida, desejada, dizer-se o que e/ou como fazer; incitando-se à realização de uma situação<sup>4</sup>. Assim sendo, **instaura-se o interlocutor** como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça” (grifos do autor)

possível generalizar. Já com relação às EEE, de acordo com o estudo feito por Ottoni (2009) e com o estudo de Bortolozzo (2013), elas podem ter como participantes: um só entrevistador e um só entrevistado, como na EEE3L; ou um só entrevistador e mais de um entrevistado, como na EEE4L; ou mais de um entrevistador e um só entrevistado, como na EEE1N e na EEE2N.

Conforme afirma Ottoni (2009), entrevistador e entrevistados desempenham papéis socialmente determinados e padronizados. O primeiro é quem direciona a atividade; tem o direito de perguntar. O segundo aceita o convite para participar da entrevista, o qual, em sua maioria, é feito no momento da realização da entrevista, no caso da maioria das EFE, e, em data anterior à da entrevista, no caso das EEE. O entrevistado representa na situação de interação a pessoa que se dispõe a dar sua opinião sobre o tema em foco na reportagem, como os entrevistados III, IV e V da EFE1N, o II, III e IV da EFE2N e todos os entrevistados da EFE3L, ou a pessoa que dá alguma informação considerada relevante sobre esse tema, como o entrevistado II da EFE1N e o entrevistado 1 da EFE2N.

Nas EEE, o entrevistado é sempre um especialista, uma pessoa famosa ou de conhecimento notório. Nesse sentido, ele é quem domina o conhecimento sobre o tema enfatizado na entrevista e é o participante em destaque.

A relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado/s

tende a ser sempre uma relação assimétrica. Isso porque, como afirmam Fowler et alii (1979, p. 63), as relações comunicativas são geralmente assimétricas dado que um participante tem mais autoridade do que o outro. Para esses autores, as aparências de intimidade, solidariedade e cooperação em eventos sociais são “ilusórias” (OTTONI, 2009, p. 13).

Essa assimetria está relacionada “não só às funções dos interlocutores na situação comunicativa, mas principalmente a seus papéis sociais e as suas características individuais” (FÁVERO; ANDRADE, 1998, p.162). Isso significa que nem sempre o entrevistador é quem domina a interação; “há casos em que a importância social do entrevistado leva à inversão do equilíbrio da entrevista: o entrevistado seleciona os tópicos e decide quando passar o turno.”. (FÁVERO; ANDRADE, 1998, p.162). Nas EFE analisadas, o/a entrevistador/a dominou as interações; já nas EEE o entrevistado é “a pessoa que tem algo importante a dizer à coletividade e que deve responder as perguntas feitas pelo entrevistador. Dessa forma, é

também aquele que conserva o turno por mais tempo e é considerado o participante de maior importância na tela”. (OTTONI, 2009, p. 13).

Nas EFE e nas EEE, o **tipo de troca** predominante é a de conhecimento ou de informação (HALLIDAY, 1994)<sup>31</sup>, pois o foco está em obter e dar informação, afirmar fatos. Relacionado a esse tipo de troca e às especificidades da EFE, a **função do discurso** predominante é a afirmação, presente nas falas de entrevistador/es e de entrevistado/s, como nos excertos (1) a (8). Há ainda a pergunta, materializada em poucas falas do/a entrevistador/a em EFE3L, como ilustrado em (3).

No que diz respeito às EEE, das quatro **funções do discurso** elencadas por Halliday (1994) e retomadas por Fairclough (2003) - oferta, ordem, afirmação e pergunta -, há:

- a oferta: na EEE1N, quando se oferece ao telespectador a oportunidade de ele esclarecer suas dúvidas com o entrevistado, por meio de um bate bato pelo site da emissora; na EEE4, quando se faz o convite ao telespectador para que assista ao show;
- a afirmação: presente nas falas de entrevistador/es e de entrevistado/s, em todas as EEE;
- a pergunta: presente nas falas do/s entrevistador/es em todas as EEE e na fala de entrevistados, como na EEE1N, na EEE2N.

É relevante destacar que as perguntas presentes na fala dos entrevistados em EEE1N e EEE2N são retóricas, como nos excertos (14) e (22). Assim, não desempenham o mesmo papel das perguntas realizadas pelos entrevistadores.

Os **modos oracionais** identificados nas EFE são o declarativo e o interrogativo, o que aponta para uma **ação comunicativa** nas EFE analisadas, a qual é orientada para obter o entendimento. Já nas EEE, modos realizados são: o interrogativo, o declarativo e o imperativo (ver Quadro 1 e excertos (10), (11) e (15) por exemplo. Há casos em que há o declarativo com sentido de pedido/convite, como em EEE4L, excerto (17).

---

<sup>31</sup>Segundo Halliday (1994, p. 69), de todas as coisas que nós fazemos com a linguagem, há quatro distinções-chave que explicam a comunicação interpessoal; ou seja, há quatro *tipos de troca*. Como falantes/escritores, nós podemos *dar* ou *pedir*. O que damos ou pedimos é ou *bens e serviços* ou *informação/conhecimento*. A *troca de bens e serviços* é orientada para uma ação não textual; seu foco é na atividade, nas pessoas fazendo coisas ou conseguindo que elas sejam feitas. Ela se constitui em uma *proposta*. Já na *troca de conhecimento ou de informação*, o foco está em obter e dar informação, fazer reivindicações, afirmar fatos, etc. Ela se constitui em uma *proposição*. Essas distinções dão origem, respectivamente, às quatro *funções do discurso*: *oferta, ordem, afirmação e pergunta*, e aos quatro *modos oracionais*: *interrogativo modulado, imperativo, declarativo, interrogativo*. Esses modos oracionais contribuem para elucidar as relações estabelecidas na interação, principalmente se pensarmos em quem está autorizado a usar determinado modo oracional ou as escolhas e trocas que pode realizar em um dado contexto.

Assim, a análise evidencia, nas EFE, o predomínio da ação comunicativa, materializada pela troca de informação/conhecimento e pelas funções de fala declaração e pergunta. Há também em algumas EFE, como na EFE1N, uma ação estratégica, materializada pela troca de atividade (bens e serviços) e pelas funções oferta e pedido/ordem. Nesse sentido, entendo que, em alguns casos, há uma aparente ação comunicativa que “esconde” uma ação estratégica, como na EFE4L em que se objetiva não só informar como também obter um resultado: fazer com que o público compareça ao *show*, e, na EFE2N, em que, conforme argumenta Ottoni (2009, p. 12), “o ministro não apenas fornece informações sobre como evitar o contágio da gripe suína como também tenta defender o governo de acusações feitas pelo povo de que ele não estaria oferecendo as condições necessárias à população para o diagnóstico e tratamento da nova doença”, como no excerto (14).

No que concerne à análise da **dimensão do texto**, das linguagens que entram em sua composição, da sua constituição em prosa ou em verso, da sua composição como texto representativo ou expositivo – elementos da **estrutura composicional** (TRAVAGLIA, 2007a), as EFE e as EFE são textos curtos, em prosa. Contudo, as EFE tendem a ser menores que as EFE. Acredito que essa diferença na dimensão deve-se ao fato de que as EFE analisadas são apenas parte de um gênero, a reportagem, ao passo que as EFE constituem, por si só, um quadro dentro da programação do telejornal. Além disso, deve-se ao fato de que, nas EFE, o/s entrevistador/es fazem várias perguntas ao/s entrevistado/s e, em alguns casos, como na EFE3L, os telespectadores também fazem perguntas ao/s entrevistado/s.

De acordo com Kress e Van Leeuwen (1996), pode-se afirmar que as EFE e as EFE são um gênero multimodal, pois são constituídas pelo modo verbal e pelo não verbal (imagem, gestos, por exemplo), os quais estabelecem entre si uma relação harmônica e importante para a construção de sentidos. Como explica Ottoni (2009, p. 14),

Os elementos visuais, em algumas entrevistas (...), contribuem para a representação de um espaço privado (sala, com poltronas coloridas, próximas, mesa no centro da sala). Esse recurso tem sido muito utilizado na televisão como uma forma de fazer com que o telespectador sinta que aquilo a que está assistindo faz parte de seu cotidiano, de seu espaço privado. Como afirma Fairclough (2003, p. 68), tem havido uma tendência à informalização societal e uma ‘conversacionalização’ do discurso público – (FAIRCLOUGH, 2003, p.68). Nas entrevistas, percebe-se o uso de uma linguagem informal, em alguns momentos, e a criação de uma situação de

informalidade na interação. Tem-se uma representação do que Fairclough chama de apropriação das práticas do domínio privado pelo domínio público.

Para ilustrar o papel da linguagem não verbal, nas EFE, destaco:

- a) a representação visual do espaço onde as entrevistas foram realizadas: na EFE1N, são exibidas imagens de um shopping, de famílias andando pelo shopping, como no excerto (1); na EFE4L, há imagem de decoração de natal de uma loja (excerto (2));
- b) as imagens de participantes, demonstrando o envolvimento deles com o fato em destaque na entrevista: na EFE1N, há imagens de pais e filhos fazendo compra de presente para as mães (excerto (1)); na EFE3L, há imagens de estudantes envolvidos com os experimentos demonstrados na feira de Ciências (excerto (3)); na EFE2N, há imagens de um supermercado e de uma farmácia (excerto ((4));
- c) o gráfico que foi incluído na EFE2N para ilustrar os dados informados pela entrevistadora (excerto ((4)).

Outrossim, as análises destacam que nas EEE a vestimenta do entrevistado, a sua postura e o fato de ele ficar sentado, de frente para o/s entrevistador/a, constroem uma representação desse entrevistado como autoridade, como no caso do ministro que está vestido com um terno, e de uma pessoa que merece atenção e conforto. O cenário também constitui uma representação de um espaço privilegiado, organizado cuidadosamente para receber o entrevistado, como se pode ver na Figura 1, o que não ocorre nas EFE, as quais, muitas vezes, são realizadas na rua, em praça pública ou em outros espaços públicos, como shoppings.

No que diz respeito às **características da superfície linguística**, a observação se volta para a pessoa do discurso usada nas EFE, as relações semânticas entre orações e frases, e trechos maiores do texto, as relações formais entre frases e orações, incluindo as gramaticais.

A terceira pessoa do discurso é predominante nas EFE, como se pode ver nos excertos (1) a (5). Há ainda uma ocorrência de primeira pessoa do plural na fala dos entrevistados (7) e de 1ª pessoa do singular em (6). Nas EEE, há o emprego da 3ª pessoa pelos entrevistadores e por entrevistados, como materializado nos recortes apresentados; a 1ª pessoa do singular aparece na fala do entrevistador (17) e de entrevistados como na EEE1N, na EEE2N (excertos (9) e (19)), na EEE3L, e a primeira pessoa do plural aparece na fala dos entrevistadores em EEE1N (excertos (10) a (16)), e do entrevistado, em (9) e (22).

É relevante destacar que a primeira pessoa do plural é empregada no sentido de inclusão - o nós inclusivo - e em construções que denotam um convite, como nestes trechos extraídos da EEE2N: “Vamos então conversar com ele”, “Vamos começar com o que parece ser uma boa notícia”; “Será que finalmente nós vamos ter essa vacina?”, “Vamos lembrar, vamos recapitular quais são exatamente os passos, o que as pessoas devem e o que as pessoas não devem fazer, ministro”. E neste da EEE4L: “Hoje nós vamos ter a oportunidade de assistir ao *show* de vocês”.

Quanto às **relações semânticas**, nas EFE e nas EEE, diferentes relações foram evidenciadas. Dentre elas, nas EFE, cito estas com a referência ao excerto em que aparecem: contrastiva (1), (2), (3), (4), (5), (9); causal (5), (6), (9); aditiva (1), (2), (4), (5), (6), (7), (8), (9), (11); condicional (8); temporal (2), (5), (9); concessiva (3). E, das EEE, cito estas: contrastiva (14), (22); causal (14), (22); aditiva (14), (11), (18), (14), (22); condicional (14), (15), (22); temporal (14); conformidade (22).

Considerando o número de ocorrências em cada excerto, há nas EEE e nas EFE um predomínio das relações contrastiva e aditiva realizadas, respectivamente, pelo “mas” e “e”.

No tocante às **relações formais**, nas EFE há relações paratáticas, hipotáticas e de encaixe entre as orações. Contudo, predomina a parataxe, como se pode ver no Quadro 3:

Quadro 3: As relações formais nas EFE

	EFE1N	EFE2N	EFE3L	EFE4L
Relações paratáticas	67%	67%	72%	50%
Relações hipotáticas	25%	8%	22%	35%
Relação de encaixe	6%	25%	6%	15%

Fonte: Elaborado pela autora

Acredito que essa prevalência da parataxe se relacione ao caráter mais informal das EFE e também ao fato de muitas entrevistas serem espontâneas, como já mencionado, o que resulta em elaboração de construções menos complexas.

No tocante às EEE, há também relações paratáticas, hipotáticas e de encaixe entre as orações. Entretanto, diferentemente do que encontrei nas EFE, nas EEE não há prevalência da parataxe, mas, sim, da hipotaxe na EEE1N e EEE3L, e de orações encaixadas na EEE2N e na EEE4L, como se pode ver no quadro a seguir:

Quadro 3: As relações gramaticais nas EEE

	EEE1N	EEE2N	EEE3L	EEE4L
Relações paratáticas	37%	30%	15%	20%
Relações hipotáticas	41%	33%	62%	20%
Relação de encaixe	22%	37%	23%	60%

Fonte: elaborado pela autora

Esse resultado demonstra a produção de construções mais complexas por parte dos participantes das EEE, o que pode ser fruto do planejamento maior que parece haver nessa entrevista e também do nível de formação de alguns entrevistados: um professor de português renomado; um ministro; um psiquiatra; e dois artistas.

Quanto à **intertextualidade**, observei a intertextualidade de conteúdo realizada na cadeia de gêneros mencionada. Ela não é interna ao gênero, mas se dá na relação de um texto com o outro produzido antes e depois da exibição da entrevista. Observei, ainda, um intertexto com: textos que representam a expectativa da Federação do Comércio de São Paulo e dos comerciantes sobre as vendas de presentes para as mães e pesquisas feitas com consumidores (EFE1N); a pesquisa que resultou no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA) mencionada na EFE2N; textos referentes à meta de inflação do Banco Central e dados do IBGE (EFE2N); pesquisas e trabalhos de extensão cujos resultados foram expostos durante o evento Brincando e Aprendendo (EFE3L); enquête feita com lojistas de Uberlândia (EFE4L); o novo acordo ortográfico e vários textos produzidos sobre ele (EEE1N); textos divulgados na época sobre a gripe suína (EEE2N) dentre outros.

## 6 As diferenças e semelhanças entre as EFE e as EEE: tecendo as considerações finais

Neste artigo, realizei uma análise de exemplares de entrevistas exibidas em telejornais, os quais foram designados como EFE e EEE. Essa análise foi feita com base na abordagem de gêneros de Fairclough (2003) e nos parâmetros propostos por Travaglia (2007a, 2007b).

Os resultados evidenciam que as EFE e as EEE não podem ser consideradas dois gêneros distintos, uma vez que apresentam muitas semelhanças no que diz respeito à atividade, relações sociais e tecnologias da comunicação, seguindo Fairclough (2003). Assim, acredito que elas podem ser compreendidas como espécies de um mesmo gênero - a entrevista -, as quais, em conformidade com Travaglia (2007a), se definem e caracterizam por aspectos



formais de estrutura (e superestrutura), da superfície linguística e/ou por aspectos do conteúdo.

Para finalizar este artigo, elencarei o que há em comum entre as EFE e as EEE e as diferenças encontradas, com o intuito de sumarizar os resultados da análise e de melhor representar a caracterização do gênero.

As características comuns são:

- 1) ambas são consideradas um gênero situado, pois estão situadas em uma prática social específica, a jornalística, a qual envolve a produção de telejornal;
- 2) fazem parte de uma cadeia de gêneros, a qual engloba o hipergênero telejornal, os gêneros que compõem o telejornal, tais como: reportagens, comentários, pauta, roteiro de entrevista dentre outros, os diferentes gêneros que circularam na época, antes e depois da exibição das entrevistas, sobre os temas abordados nas entrevistas, e os gêneros produzidos depois que fizeram referência à/s entrevista/s;
- 3) como as EFE, as EEE são produzidas por pelo menos um membro da comunidade jornalística, são fruto de um trabalho coletivo, uma vez que já se iniciam na reunião de pauta da equipe editorial. Elas têm como suporte a TV, primeiramente, e, posteriormente, a *internet* e são produzidas para os telespectadores que assistem ao telejornal;
- 4) a atividade é a mesma: o/s entrevistador/es e entrevistado/s estão participando de um evento discursivo, em uma situação de interação em que aquele/s procura/m obter informações e/ou saber a opinião deste/s;
- 5) a atividade envolve algumas tecnologias, tais como: o microfone; as filmadoras; os equipamentos para transmissão; o *tablet* usado pelos entrevistadores (no caso das EEE) etc.;
- 6) o consumo e a distribuição das entrevistas acontecem na dependência direta de algumas tecnologias de comunicação, como a TV, o computador, o celular com acesso à TV e/ou *internet*;
- 7) a prevalência do pré-gênero ou tipo dissertativo-expositivo. Esse pré-gênero se realiza nas duas partes que compõem a estrutura genérica das EFE, e, nas EEE, se realiza especialmente nas partes “sequência de perguntas do/s entrevistador/es e respostas do/s entrevistado/s” e “sequência de perguntas feitas pelos telespectadores e respostas do/s entrevistados”;
- 8) a descrição é materializada também por meio da representação imagética do espaço e dos participantes – entrevistador/a e entrevistado/a, tanto nas EFE quanto nas EEE;
- 9) nas EFE e nas EEE, há uma relação assimétrica entre entrevistador e entrevistado;
- 10) nas EFE e nas EEE, predominam a troca de informação/conhecimento e a ação comunicativa;
- 11) são textos curtos, em prosa, constituídos pelas linguagens verbal e não-verbal, as quais estabelecem entre si uma relação harmônica e importante para a construção de sentidos. Em ambas, há uma representação visual do espaço onde as entrevistas foram realizadas; as imagens dos entrevistados, suas vestimentas e postura constroem uma representação desses entrevistados como pessoas comuns ou como autoridades ou pessoas famosas;
- 12) a terceira pessoa do discurso é predominante nas EFE e nas EEE, havendo, ainda ocorrências de primeira pessoa do plural e do singular;

13) há na EEE e na EFE um predomínio das relações contrastiva e aditiva realizadas, respectivamente, pelo “mas” e “e”;

14) a intertextualidade constitui tanto as EFE quanto as EEE e os textos e vozes articulados estabelecem uma relação harmônica e contribuem sobremaneira para a representação do tema em evidência nas entrevistas.

As diferenças encontradas são:

- 1) o conteúdo temático dos dois formatos é muito próximo, mas o das EEE é mais amplo, uma vez que engloba não só a opinião/posição do entrevistado sobre algum tema como também informações sobre alguma questão em evidência no momento ou sobre alguma produção ou apresentação cultural e esclarecimento de dúvidas dos telespectadores sobre determinado tema;
- 2) a mistura de gêneros foi identificada apenas nas EEE;
- 3) o propósito ou o objetivo/função sociocomunicativa das EFE é apresentar a opinião do/s entrevistado/s a respeito do tema tratado em reportagens de telejornal, como forma de tecer a direção argumentativa da reportagem televisiva e de comprovar o que está sendo dito pelo entrevistador ao passo que o das EEE é apresentar a opinião de especialista ou de uma pessoa de conhecimento notório sobre determinado tema ou conhecer a vida de pessoas públicas e divulgar uma apresentação;
- 4) a estrutura genérica ou superestrutura das EFE e das EEE é diferente. Nas EEE, há duas partes, as quais são obrigatórias, e, nas EFE, sete partes, sendo que destas, três são obrigatórias e quatro, opcionais;
- 5) nas EFE, na maioria das vezes, a/s pergunta/s feita/s pelo entrevistador são suprimidas quando da edição da reportagem e, nas EEE, todas as perguntas do/s entrevistador/es são apresentadas;
- 6) nas EFE há apenas um entrevistador e vários entrevistados e, normalmente, é incluída apenas uma fala de cada entrevistado. Já nas EEE há um ou dois entrevistados para os quais são feitas várias perguntas e pode haver mais de um entrevistador;
- 7) nas EEE, o entrevistado é sempre um especialista, uma pessoa famosa ou de conhecimento notório. Nesse sentido, é quem domina o conhecimento sobre o tema enfatizado na entrevista, é o participante em destaque e o que conserva o turno por mais tempo. Já nas EFE, na maioria dos casos, o entrevistado não é conhecido e quem domina a interação é o entrevistador;
- 8) nas EFE, a função do discurso predominante é a afirmação e, nas EEE, temos a oferta, a afirmação e a pergunta;
- 9) os modos oracionais identificados nas EFE são o declarativo e o interrogativo e, nas EEE, o interrogativo, o declarativo e o imperativo;
- 10) nas EFE, a comunicação estabelecida entre entrevistador/es e entrevistado/s é sempre dialógica não-mediada: interação face a face; nas EEE, pode-se ter uma interação dialógica não-mediada: interação face a face, uma dialógica mediada por sistema de videoconferência e uma interação que mescla esses dois tipos de comunicação;
- 11) as EFE são produzidas durante a realização da reportagem da qual fazem parte, são previamente editadas e as EEE são produzidas normalmente ao vivo durante o telejornal. Nas EFE, o entrevistador está em algum local público; em sua maioria, não há uma

preparação por parte do entrevistado, mas há o planejamento por parte do entrevistador. Já nas EFE, o/s entrevistado/s são previamente convidado/s; há um agendamento de dia e horário para a realização da entrevista, o que lhe/s permite fazer um planejamento do que poderá/ão falar, e a determinação do seu local de realização - o estúdio - é feita pelo/s entrevistador/es;

- 12) as EFE tendem a ser menores que as EFE;
- 13) o cenário nas EFE constitui uma representação de um espaço privilegiado, organizado cuidadosamente para receber o entrevistado, o que não ocorre nas EFE, as quais, muitas vezes, são realizadas na rua, em praça pública ou em outros espaços públicos, como *shoppings*;
- 14) nas EFE, predomina a parataxe e, nas EFE, a hipotaxe e o encaixe.

Acredito que uma pesquisa como esta, centrada no gênero oral entrevista em telejornais, é necessária e relevante, pois poucos trabalhos têm sido feitos sobre os gêneros orais e muitas das pesquisas realizadas sobre o gênero entrevista têm focalizado entrevistas impressas publicadas em jornais e revistas ou entrevistas de programas televisivos de auditório e têm sido feitas na área da Comunicação Social, cujo enfoque é diferente de uma abordagem linguístico-discursiva. Assim, espero que este estudo possa preencher uma lacuna identificada e contribuir para o debate sobre gêneros, sobre os gêneros orais e sobre o gênero oral entrevista, em específico. Espero, ainda, que possa evidenciar a produtividade das duas perspectivas teóricas articuladas para a análise de gêneros.

### Referências Bibliográficas

BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2016.

BORTOLOZO, L. M. **Entrevistas espontâneas fora do estúdio e entrevistas planejadas em estúdio**: um estudo sobre gêneros orais em telejornais. 2013. 42 p. Trabalho não concluído de Iniciação Científica desenvolvido no curso de Letras, Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

CHARADEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. 283 p.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999. 224 p.

EGGINS, S. **An introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2 ed. Londres: Continuum, 2005. 384 p.

ERBOLATO, Mário L. **Dicionário de propaganda e jornalismo**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1986. 343 p.

ETCOFF, Nancy et al. A real verdade sobre a beleza: achados do estudo global sobre mulheres, beleza e bem estar. 2004. Dove. **Nossa Pesquisa**. Disponível em: <[http://www.dove.com.br/pt/docs/pdf/The\\_Truth\\_About\\_Beauty\\_White\\_Paper\\_PT.pdf](http://www.dove.com.br/pt/docs/pdf/The_Truth_About_Beauty_White_Paper_PT.pdf)>Acesso em: 10. nov.2014.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003. 270 p.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, vol. 3, p. 153-177/1998.

FERRARI, R. **Retratos da Real Beleza: representação da mulher na propaganda institucional da marca Dove**. 2015. 79 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. Londres, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. Rev. por MATTHIESSEN, C.M.I.M. Londres: Edward Arnold, 2004. 689 p.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. Londres; Nova York: Routledge, 1996. 312 p.

MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica. **D.E.L.T.A.**, 21: Especial, p. 1-9, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. 296 p.

OTTONI, M. A. R.. O gênero oral entrevista em estúdio na perspectiva da Análise de Discurso Crítica e da Linguística Sistêmico-Funcional. *In: SIMPÓSIO NACIONAL E II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA*, 12, 2009, Uberlândia. **Anais...** Vol. 1, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 1-16. Disponível em [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt\\_lg18\\_artigo\\_3.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg18_artigo_3.pdf)

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do humor no ensino da Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica**. 2007. 399 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ROJO, Roxane Helena R.; BARBOSA, Jaqueline, **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 152 p.

SANTOS, M. K.; AYRES, M. de la B. A vida através da tela: a realidade através do telejornal e do documentário. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL TELEVISÃO E REALIDADE. **Anais....** Salvador, 2008, p. 1-19. Disponível em: <[http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Melina%20Ayres\\_Macelle.pdf](http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Melina%20Ayres_Macelle.pdf)>. Acesso em: 10 de nov. 2015.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P.. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SOUZA, J. C. A de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira** [recurso eletrônico]. 2.ed. São Paulo: Summus, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=2gZ7CgAAQBAJ&pg=PT123&lpg=PT123&dq=o+telejornal+%C3%A9+um+g%C3%AAnero?&source=bl&ots=dr1KFe-0gd&sig=FFL1mZWoeYs8aTAJAYMYbBDCywE&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CC0Q6AEwAzgKahUKEwigpPf5jYfJAhXLH5AKHcvfAms#v=onepage&q=o%20telejornal%20%C3%A9%20um%20g%C3%AAnero%3F&f=false>>. Acesso em: 10 ag. 2016.

SWALES, J.M. **Genre analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 274 p.

TRAVAGLIA, L. C.. A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 51, p.39-79, 2007a. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/03-Travaglia.pdf>>.

\_\_\_\_\_. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, **Anais....** Organizadores: Adair Bonini, Débora de Carvalho Figueiredo, Fábio José Rauen, Tubarão: UNISUL, 2007b. p. 1297-1306. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub\\_area\\_linguistica\\_textual\\_tipos\\_generos\\_textuais.php?TB\\_iframe=true&height=550&width=800](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub_area_linguistica_textual_tipos_generos_textuais.php?TB_iframe=true&height=550&width=800)>.

\_\_\_\_\_. Sobre a possível existência de subtipos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6. **Anais....** Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa, 2009, p. 2632-2641.

TRAVAGLIA, L. C. et al. Gêneros orais – Conceituação e caracterização. In: XIV SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2013, Uberlândia, MG. **Anais...**, vol. 3, nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. p.1 a 8 ISSN: 2237-6607. Disponível em: <[http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_1528.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1528.pdf)>